

Brasília-DF • Ano XLIV • Nº 237 • Julho 2017

Centro de Comunicação Social do Exército



A TRAJETÓRIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO



Interativa

Ainda nesta edição

A Ponte Rio-Niterói e a participação do Exército Brasileiro

Rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã à FEB

Empréstimo com Garantia Imobiliária

Sujeito à análise cadastral
Sujeito à alteração sem aviso prévio

vmp8.com

As melhores taxas, com até 20 anos para pagar

Utilizando seu imóvel urbano quitado como garantia, você consegue um empréstimo de até 60% do valor. Organiza seu orçamento, toca seus projetos e o principal: arruma a vida de uma vez.

Consulte as normas e condições vigentes
no site www.poupex.com.br

Mais informações:
0800 61 3040

POUPEX

ASSOCIAÇÃO
DE POUPANÇA
E EMPRÉSTIMO



Editorial

PUBLICAÇÃO DO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO
(CCOMSEX)

Chefe do CCOMSEX:
Gen Div Otávio Santana do **Rêgo Barros**

Subchefe do CCOMSEX:
Cel Art QEMA **Marcos** José de Andrade

Chefe de Produção e Divulgação:
Cel Inf QEMA Roberto Adriano **Dorneles** de Matos

CONSELHO EDITORIAL
Cel Inf QEMA **Nereu** Augusto Dos Santos Neto
Cel Inf QEMA Roberto Adriano **Dorneles** de Matos
Cel R/1 **Jefferson** dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel R/1 **Jefferson** dos Santos Motta

REDACÇÃO
Cel QCO **Carla Beatriz** Medeiros de Souza Albach

PROJETO GRÁFICO
S Ten Inf Djalma **Martins**
S Ten Cav Adriano Henrique **Córdova**
1º Sgt Art Juliano **Bastos** Cogo
2º Sgt Inf Fabiano **Mache**
SC **Luiz Fernando** Vieira

DIAGRAMAÇÃO E FINALIZAÇÃO
S Ten Cav Adriano Henrique **Córdova**

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO
Cidade Gráfica e Editora Ltda.
ADE Conjunto 20, Lotes 11 e 12
Samambaia - DF
CEP 72.314-720 – Tel. (61) 3552-5066
www.cidadegraficadf.com.br

PERIODICIDADE
Trimestral

TIRAGEM
30 mil exemplares – Circulação dirigida (Brasil e Exterior)

FOTOGRAFIA
Arquivos CCOMSEX
Colaboradores do Exército Brasileiro

JORNALISTA RESPONSÁVEL
1º Ten QCO **Leciane** Moreira Dias

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF
redacao@ccomsex.eb.mil.br

Revista Verde-Oliva Digital disponível em:
www.eb.mil.br

VERDE-OLIVA – ANO XLIV • Nº 237 • JULHO 2017

Caro leitor,

Mesmo antes da eclosão dos movimentos feministas reivindicando a participação legítima das mulheres em todas as atividades profissionais, na Primeira Guerra Mundial elas se encontravam agregadas aos exércitos de diversos países como profissionais da área de saúde.

Acompanhando as mudanças do papel da mulher na sociedade e o incremento de lideranças do segmento feminino nas grandes empresas e em cargos públicos, para o Exército Brasileiro fez-se necessária a sua presença nas atividades da caserna.

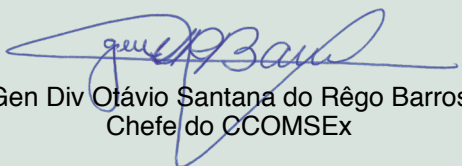
Verifique, nesta edição, como essa inserção ocorreu de forma gradual e constante, culminando, no corrente ano, com o ingresso da mulher na Linha de Ensino Militar Bélico, habilitando-a a galgar os mais altos cargos na hierarquia da Força Terrestre.

Com o propósito de olhar o passado para melhor entender o futuro da nossa Instituição que sempre atua em benefício do Povo e da Nação brasileira, esta edição apresenta os artigos: “A Construção da Ponte Rio-Niterói” e a “Rendição da 148ª DI Alemã”. A pregressa exhibe a preocupação histórica do Exército Brasileiro de zelar pelo desenvolvimento do Brasil por meio da prestação de serviços relevantes. A rendição enobrecer a coragem e o valor do soldado brasileiro, capaz de superar as dificuldades políticas, econômicas e sociais de seu país, destacando-se no concerto dos melhores exércitos do mundo.

Considerando a modernidade como algo que está sendo ou será delineado e construído, conheça os artigos: o Portfólio Estratégico do Exército e o Adjunto de Comando. Tratam, respectivamente, da mudança de metodologia no gerenciamento dos Projetos Estratégicos do Exército e do comprometimento dos subtenentes e sargentos com a Instituição.

Finalizando, a edição número 237 da Revista Verde-Oliva – A Trajetória da Mulher no Exército Brasileiro – exalta a figura de **Anita Garibaldi**, exemplo de dignidade e dedicação como esposa, mãe e soldado.

Tenha uma fecunda e prazerosa leitura.


Gen Div Otávio Santana do Rêgo Barros
Chefe do CCOMSEX

NOSSA CAPA



“Guerreiras da Paz”, fotografadas pelo 2º Sgt Zitkoski, durante preparo para missão de paz no Haiti. O BRABAT 23 foi a unidade que mais enviou mulheres, na história do Exército Brasileiro, para missões desta natureza. Foram 21 no total.

SUMÁRIO

6
**A trajetória da mulher
no Exército Brasileiro**

12
**As guerreiras
brasileiras**

48
**As meninas do Sistema
Colégio Militar do Brasil**

16 **Elas estão prontas para o serviço!**

18 **Turma pioneira, Turma Maria Quitéria**

22 **Mulheres Verde-Oliva**

28 **O CCFEx e o Segmento Feminino**

32 **Histórias de dedicação de duas médicas militares**

38 **Dia Internacional da Mulher**

42 **Missão individual na Libéria**

45 **Nossas OM: Hospital de Guarnição de João Pessoa**

59 **O Portfólio Estratégico do Exército**

62 **A Ponte Rio-Niterói e a participação do Exército Brasileiro**

66 **Rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã à FEB**

72 **O Adjunto de Comando no Exército Brasileiro**

74 **Personagem da Nossa História: Anita Garibaldi**



ESPAÇO DO LEITOR

“Sou 1º Sargento da Reserva e venho, por meio deste e-mail, parabenizar pelas edições da Revista Verde-Oliva e da revista infantil Recrutinha. Minha esposa é professora em Ipatinga (MG) e o Recrutinha é muito bem aceito pelas crianças da escola. Estou na reserva há 18 anos e gostei bastante da reportagem da Verde-Oliva nº 226, de dezembro de 2014, sobre “Os sargentos do Exército Brasileiro na era do conhecimento”. Excelente reportagem. Sou psicólogo e autor de alguns livros, entre eles o intitulado “Psicologia militar sob tensão: estresse e emoção”, livro que, em 2013, foi uma das referências bibliográficas sugeridas pela Marinha do Brasil no concurso público para professor do magistério superior. Desde já, coloco-me à disposição dos senhores, caso queiram alguma das minhas contribuições como neuropsicólogo.

Atenciosamente,

Samuel da Silva Costa.

“Meu nome é **Daihane** e trabalho em São Paulo, preparando alunos para o ingresso na carreira militar. Temos 90 candidatos que se preparam para provas de concursos futuros, motivados para ingressar nessa brilhante carreira. Ficarei grata se puder distribuir exemplares da Revista Verde-Oliva para cada um deles.

“Sou ST da Polícia Militar de Santa Catarina, atualmente servindo na 6ª Região de Polícia Militar da cidade de Criciúma (SC). Como monitor de um curso de formação e interessado em me atualizar com a leitura das publicações do Exército, solicito informação de como receber a Revista Verde-Oliva.

Atenciosamente,

Gutemberg Laureano – ST PM RR – PMSC

“Inicialmente, gostaria de dizer que a Revista Verde-Oliva é uma das melhores que existe e nos aproxima da tão querida e estimada Força Terrestre. Junto com parentes, amigos e com meu tio-avô, que lutou na Itália, somos fãs da revista e gostaríamos de recebê-la para divulgá-la e completar a nossa coleção.

João Pedro de Castro Sousa da Mata – Acarape (CE)

“Solicito viabilizar a remessa das publicações desse prestigioso Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro para a nossa Associação de Veteranos do Regimento Araribóia, atualmente abrigada no prédio do Serviço de Inativos e Pensionistas do Exército, em Niterói (RJ). Dessa forma, poderemos manter nossos associados, quando em visita às instalações da Associação, informados sobre as atividades da Força Terrestre, mantendo acesa a chama da vibração e do patriotismo, sempre latente no coração dos nossos Veteranos.

Dr Joanir dos Santos Costa – Diretor Administrativo da SAVRA.



Prezado leitor:

Esta revista possui conteúdo interativo.

Na versão digital, clique no botão interativo () e assista a um vídeo sobre o assunto.

Na versão impressa, abra o aplicativo de leitura de QR Code de seu dispositivo móvel, sobrepondo-o na figura ao lado para ler a revista digital.

Entre em contato conosco pelo e-mail redacao@ccomsex.eb.mil.br.

Além de esclarecer dúvidas e ouvir suas sugestões, gostaríamos também de conhecer sua opinião sobre a Revista Verde-Oliva.

Equipe Verde-Oliva



A TRAJETÓRIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Superadas as mais diversas discussões sobre a inserção do segmento feminino nas Forças Armadas relacionadas à possibilidade de suportar ou não as condições adversas dos treinamentos militares; à adequação dos alojamentos e do fardamento; às questões de gênero; às especialidades a ocupar e a outros aspectos contidos na Lei do Serviço Militar, a mulher conquistou, gradativamente, o seu espaço nas fileiras do Exército Brasileiro (EB), culminando com o seu recente ingresso na Linha de Ensino Militar Bélico.



O impulso combativo da destemida **Maria Quitéria de Jesus Medeiros**, ao voluntariar-se para atuar na Guerra da Independência, em 1823, foi o marco inicial da trajetória feminina dentro das Forças Armadas.

Quase um século depois, defendendo os mesmos ideais de **Maria Quitéria**, brasileiras ombrearam com os homens em terras europeias para combater, dentre os aliados da Segunda Guerra Mundial, o Exército Alemão. Eram as nossas enfermeiras, jovens que incorporaram o Verde-Oliva e bravamente apoiaram a população local e os nossos Pracinhas.

Em 1992, outro marco na história da Instituição: a inserção de 52 mulheres no Quadro Complementar de Oficiais (QCO), com formação na antiga Escola de Administração do Exército (EsAEx), hoje Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx), localizada em Salvador (BA), onde foi graduada a primeira turma de oficiais composta pelos dois gêneros.

Quatro anos depois, o espaço para a atuação feminina foi ampliado com o Serviço Militar Feminino Voluntário para enfermeiras, médicas, farmacêuticas, dentistas e veterinárias (MFDV).

Já em 1997, o Instituto Militar de Engenharia (IME) e a Escola de Saúde do Exército (EsSEEx), ambas sediadas no Rio de Janeiro (RJ), receberam aquelas que seriam as primeiras oficiais de carreira engenheiras e médicas, respectivamente.

No ano seguinte, o EB criou o Estágio de Serviço Técnico, para profissionais de nível superior que não pertenciam à área de saúde. Mais uma vez, foi inserida a presença feminina para atender à Instituição como: advogadas, administradoras de empresa, contadoras, professoras, analistas de sistemas, engenheiras, arquitetas, jornalistas, dentre outras áreas das ciências humanas e exatas, que podem permanecer na Força até oito anos.

Em 2001, a Escola de Saúde do Exército promoveu a inscrição de mulheres em concurso público, para o preenchimento de vagas no Curso de Sargento de Saúde, que funcionaria em 2002.

Neste ano de 2017, seguindo a evolução dos mais variados cenários da doutrina militar, o Exército dá mais um passo significativo: estabeleceu a inclusão do sexo feminino na Linha do Ensino Militar Bélico. Dessa forma, as mulheres romperam marcha e ultrapassaram, pela primeira vez, o Portão das Armas da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), da Escola de Sargentos de Logística (EsSLog) e do Centro de Instrução de Aviação do Exército (CI Av Ex).

Para chegar a essa conquista, muitas mudanças foram processadas.



Monumento a Maria Quitéria – Salvador (BA).

ATRIBUIÇÕES GERAIS

A Legislação mais recente, que trata dos requisitos para o ingresso nos cursos de formação de militares de carreira, constituiu-se em um importante documento, não apenas para o EB, mas, sobretudo, para a sociedade brasileira, pois define novos papéis das mulheres no desenvolvimento nacional. Foi necessário um criterioso e detalhado planejamento, orientado e conduzido pelo Estado-Maior do Exército (EME).

Ao Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx) – Órgão de Direção Setorial (ODS) – coube a importante missão de implementar o Projeto Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélico do Exército Brasileiro (PISFLEMB-EB), que conta, também, com a contribuição da Secretaria de Economia e Finanças (SEF), do Comando de Operações Terrestres (COTER), do Departamento de Ciência e Tecnologia (DCT), do Departamento-Geral do Pessoal (DGP), do Departamento de Engenharia e Construção (DEC), do Comando Logístico (COLOG) e dos Comandos Militares de Área (C Mil A).



Campo Grande (MS) – Formatura do Estágio de Serviço Técnico no 20º Regimento de Cavalaria Blindado.

ATRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS

DECEEx: deve identificar e propor a nova estrutura de cargos necessária nos estabelecimentos de ensino; elaborar, aprovar e publicar os editais dos concursos; levantar, em coordenação com os demais ODS, o montante de recursos necessário para a execução do projeto; preparar os corpos docentes das Escolas para gerir a diversidade de gêneros; e manter os padrões mínimos de desempenho, inclusive de aptidão física.

DGP: está à frente dos estudos sobre o apoio social adicional aos cadetes ou alunos casados e arrimos de família, prevendo os impactos no Fundo de Saúde do Exército (FUSEx).

DEC: tem como principal missão planejar e executar, junto ao DECEEx, a adaptação das instalações da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), da EsSLog, do CI Av Ex e das Organizações Militares de Corpo de Tropa (OMCT) que receberão o contingente feminino durante parte da sua formação (o 4º Grupo de Campanha de Artilharia Leve, o

10º Batalhão de Infantaria Leve e o 1º Grupo de Artilharia Antiaérea).

COLOG: vem adotando as providências para prover os itens específicos de fardamento para o sexo feminino.

COTER e DCT: coordenam, junto ao DECEEx, as atividades em suas áreas de competência.

Comandos Militares de Área: compõem o projeto de modo a cooperar para que todos os objetivos propostos sejam atingidos em suas organizações militares.

Dada a complexidade do projeto, e atendendo ao princípio da racionalização dos recursos, há um grande esforço para que sua implementação atinja os melhores resultados ao menor custo.

Simultaneamente, uma série de ações está sendo realizada pelo PISFLEMB-EB, tais como:

- esclarecimento ao público interno, divulgando a inserção do sexo feminino na linha bélica, visando a um novo ambiente organizacional;
- judicioso planejamento para o emprego dos recursos orçamentários necessários às obras de adaptação nos estabelecimentos de ensino e OMCT;
- execução de tarefas diversas em concorrência com outros projetos igualmente importantes para a Força Terrestre;
- seleção e classificação de instrutoras e monitoras nos estabelecimentos de ensino, a fim de atender às necessidades do corpo docente, em especial no trato com as alunas e as cadetes;
- exame de aptidão física inicial, programas de treinamento e novas provas físicas, observando as peculiaridades e a proporcionalidade entre homens e mulheres;
- adequação das normas escolares, buscando estabelecer tratamento igualitário para os dois gêneros; e
- pleno comprometimento dos envolvidos no projeto, que continuam em suas tarefas diárias e missões específicas de modo paralelo.



Nova Santa Rita (RS) – Estágio de Serviço Temporário no 3º Batalhão de Suprimento.



Niterói (RJ) – Apresentação da Banda Sinfônica do Exército.



CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

A EsPCEEx, escola de nível superior, é responsável por preparar o aluno para a carreira das Armas Combatentes (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Comunicações e Engenharia), do Quadro de Material Bélico e do Serviço de Intendência. Dentre essas, as mulheres poderão optar pelo Serviço de Intendência e pelo Quadro de Material Bélico. Tal escolha será realizada no segundo ano da AMAN, de acordo com a classificação na turma (as melhores classificadas têm prioridade na escolha).

Os alunos da EsPCEEx iniciam o período de formação no posto hierárquico equivalente ao de 3º sargento, com precedência. Ao bacharelarem-se em Ciências Militares, em 2021, sairão como Aspirantes a Oficial. Poderão, no prosseguimento da carreira, atingir o posto de General de Exército.

O plano de carreira do militar das Forças Armadas é baseado em promoções por tempo de serviço ou mérito. Sendo assim, em 30 anos, as

alunas serão as primeiras oficiais combatentes no posto de coronel.

No Concurso de Admissão/2016, para a matrícula nos cursos de formação de oficiais em 2017, verificou-se a grande procura por parte do segmento feminino.

Os jovens aprovados participaram do maior e mais concorrido concurso da história da EsPCEEx. Houve um aumento de 68% nas inscrições em comparação com o concurso de 2015.

A Aluna **Tatiana Regina de Oliveira**, incentivada pelo irmão, Cadete do 3º ano da AMAN, e espelhada no pai, 1º Tenente do Quadro Auxiliar de Oficiais do Exército, sempre quis ser militar:

“Antes de entrar aqui, eu estava cursando o segundo ano da Faculdade de Administração e pretendia prestar concurso para o Quadro Complementar de Oficiais; mas quando abriram as vagas na Linha de Ensino Militar Bélico, não tive dúvidas de que era isso que eu queria”.

VAGAS		INSCRITOS		RELAÇÃO CANDIDATO/VAGA	
MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
400	40	22.055	7.706	55,14	192,65



Foto: 1º Ten Edvaldo



CURSO DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS

No corrente ano, foram disponibilizadas 200 vagas nas seguintes Escolas de Formação de Sargentos: EsSLog – responsável pela formação dos sargentos nas áreas de Intendência, Topografia, Material Bélico, Manutenção de Comunicações da linha bélica, Música e Saúde da linha não bélica –, e CIAVEX – responsável pela formação dos sargentos na área de Manutenção de Aeronaves da linha bélica.

Assim como aconteceu no Concurso de Admissão/2016 para oficiais, para matrícula em 2017, constatou-se também grande procura por parte das mulheres para Sargento das Armas:



Foto: Stien Edmilson

VAGAS		INSCRITOS		RELAÇÃO CANDIDATO/VAGA	
MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
1000	70	70.945	12.502	70,94	178,60



Foto: Stien Edmilson

APRECIÇÕES FINAIS

O ingresso da mulher na linha bélica traduz-se na inovadora participação na atividade-fim do nosso Exército: o combate. Ainda que atuando, inicialmente, na logística, o perfil esperado da profissional combatente, ao longo da carreira, é diferenciado. Tanto a oficial como a sargento combatente do EB trarão contato, já nos primeiros postos e graduações da carreira, com as manobras em campanha e conviverão permanentemente com os riscos inerentes à profissão militar, sem distinção de gênero.

A mobilidade geográfica, a disponibilidade permanente e a preocupação com o vigor físico, em parâmetros muito semelhantes aos dos candidatos do sexo masculino, também serão uma constante.

Como se vê, o caminho para uma crescente atuação das mulheres no EB continua. De Maria Quitéria, a precursora, aos dias atuais, muito esforço vem sendo despendido para contar com a presença de ambos os sexos nas diferentes tarefas cotidianas, agora, em especial, como combatentes.

Mulheres, estejam prontas para mais essa oportunidade!

Desde já, sejam muito bem-vindas à Linha Bélica do Exército Brasileiro! 



SEGURANÇA DOS RECURSOS HUMANOS

Dicas de segurança feminina

O Alerta Verde-Oliveira, atento à inserção do segmento feminino no Exército Brasileiro, sugere e orienta acerca de medidas de segurança específicas para a proteção da mulher, principalmente em variadas ocasiões em que se encontre sozinha.

A dica prioritária é estar em alerta constante, evitando possíveis distrações, pois os criminosos utilizam o fator surpresa para praticar os seus delitos.

Considerando os ambientes mais comuns, onde as mulheres possam estar presentes, destacamos algumas medidas de segurança preventivas e protetivas que podem mitigar os perigos do cotidiano.



Ao entrar e sair de sua residência, observe cuidadosamente e redobre a atenção em relação ao seu entorno, para a presença de indivíduos suspeitos e/ou veículos estranhos parados nas proximidades. Especial atenção deve ser dispensada aos acessos de entrada e saída de garagens.

Instale o mecanismo de segurança “Olho Mágico” nas portas de acesso à sua residência, de maneira a possibilitar a identificação de visitantes, antes de permitir a sua entrada.

Apenas permita a entrada em sua residência de profissionais cujos serviços foram solicitados por você, identificando-os.

Não esconda a chave de sua residência em vasos de plantas, embaixo de tapetes ou em locais falsamente seguros.



Fique sempre alerta ao andar na rua. Evite o deslocamento isolado.

Mantenha sempre a bolsa junto ao corpo, segurando e apoiando as alças sobre o ombro, com o cotovelo pressionando a bolsa contra o corpo.

Se um delinquente lhe abordar, mantenha a calma, não reaja e entregue o que lhe for pedido. Evite expor ou utilizar pertences de valor, como *notebooks*, celulares, joias, relógios ou altas quantias de dinheiro.

Ande somente com os documentos pessoais e cartões de crédito estritamente necessários.



Ao dirigir, não deixe objetos de valor à vista, principalmente sua bolsa. Use o porta-luvas, a parte inferior das poltronas, o porta-malas ou coloque sob as pernas. Se possível, evite parar o carro no semáforo vermelho. Ao observar o semáforo fechado à distância, busque diminuir a velocidade do carro até que o semáforo volte a ficar verde.

Ao parar no semáforo, mantenha os vidros sempre fechados e evite falar com vendedores ambulantes e pedintes. Observe atentamente nos retrovisores do veículo, o que acontece nas laterais e atrás do veículo, visando prevenir abordagens indevidas.

GUERREIRAS BRASILEIRAS

A bravura e o amor pátrio sempre marcaram a figura da mulher brasileira de todos os tempos. Rebuscando páginas da nossa História, vamos encontrar a mulher atuando em todos os movimentos defensivos, de armas nas mãos ou mitigando as dores dos enfermos. De norte a sul do País, jamais permitiu qualquer tentativa de domínio de nossa terra por estrangeiros.

Clara Camarão, alagoana da tribo dos Carijós e esposa de **Felipe Cama-**

rão, marchando à frente das senhoras de Porto Calvo, comandou o Exército Feminino, escoltando os moradores da vila em retirada, devido à invasão de **Nassau**. Destacou-se na batalha de 1637, sendo comparada às mulheres guerreiras que, na antiguidade, morriam valentemente lado a lado com os homens.

Foram inúmeras as mulheres que, na Revolução Farroupilha, arriscaram suas vidas para facilitar a atuação dos homens em defesa do solo brasileiro, como **Maria Josepha da Fontoura Palmeiro**, condenada ao desterro; **Anna de Jesus Ribeiro Garibaldi**, a **Joana D'Arc** brasileira; e tantas outras.

Entretanto, foram as nordestinas que escreveram o maior número de páginas gloriosas. Dentre os fatos históricos, nenhum causou tão grande impressão na alma dos brasileiros do que o selvagem ataque dos soldados portugueses



Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira posam para fotografia.

ao indefeso Convento da Lapa, na Bahia, ocorrido nos dias 19 e 20 de fevereiro de 1822. Na ocasião, morreu a primeira heroína da epopeia da Independência, Madre **Joanna Angélica**.

Da Bahia, também destacamos **Maria Quitéria de Jesus Medeiros** e a inesquecível **Anna Justina Ferreira Nery**. A primeira, voluntária e disfarçada de homem, apresentou-se à guarnição de Cachoeira em uma sexta-feira e, no domingo, foi considerada “soldado” – o Soldado **Medeiros** – do Regimento de Artilharia, passando mais tarde para a Infantaria. Nos seus assentamentos, estão registrados vários elogios de seus comandantes, de **Labatut a Lima e Silva**.

Anna Nery, a Heroína da Caridade, teve vários parentes deslocados para a Guerra, além de dois de seus filhos e um irmão. Solicitou, então, em 8 de agosto de

1865, ao Presidente da Província, Doutor **Manoel Pinto de Souza Dantas**, permissão para acompanhar nossas tropas na luta contra **Solano Lopes**. Aceita a proposta, partiu da Bahia, no dia 13 de agosto de 1865, sendo considerada a primeira Enfermeira Voluntária do Brasil.

Das Alagoas, temos o exemplo de mulheres de têmpera inquebrantável, como **Maria de Souza Velho**, **Clara Camarão** e **Anna Maria José Lins**. Essa última, republicana ferrenha, aliciava e alistava servidores de toda ordem. Fazia os escravos jurarem bandeira e lhes prometia a liberdade. Tanto em 1817 como em 1824, a atuação de **Anna Lins** fez com que lhe fosse atribuído o qualificativo de “heroína”, não só pelos filhos que teve, mas também pelo seu patriotismo, cultura, talento e ação guerreira e política.





Selo Ana Neri, de 1967, da série Mulheres Famosas do Brasil.



Bárbara Heliodora, em óleo sobre tela.

São inúmeras as outras protagonistas do passado, tais como **Benta Pereira**; **Anna Alencar Araripe**; as irmãs de **Bento Gonçalves**, **Anna** e **Antonia**; **Barbara Heliodora**, a Heroína da Inconfidência; e **Maria Ephigenia** e sua filha, a quem chamava 'Princesa do Brasil'.

Sem sombra de dúvidas, exemplo dignificante de combatente foi **Maria Francisca da Conceição** que, casada aos 13 anos, partiu para a campanha do Paraguai, em 1866, disfarçada de homem, acompanhando o seu marido. Sua bravura, no campo de batalha de Curupaity, lhe valeu o nome de **Maria Curupaity**. Ferida no peito por um paraguaio, foi levada para o hospital e, somente nessa ocasião, para espanto geral de todos, conheceram-lhe o sexo. O seu exemplo arrebatava os homens e seu grito "Aqui está **Maria Curupaity**, avante!", levava-os à luta com ardor.

Em 1942, quando novamente a nossa integridade foi ameaçada, todos esses exemplos dignificantes, toda essa herança de acendrado amor Pátrio levaram várias jovens a se alistar em defesa da liberdade. Centenas de patriotas correram às escolas de enfermagem e, quando dos torpedeamentos de nossos navios, o Governo Federal, honrando seus compromissos com nossos aliados, abriu o voluntariado para que as enfermeiras pudessem integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Não podendo jamais denegrir sua origem, a signatária deste artigo foi a primeira a se apresentar para servir ao Exército, realizando a sua apresentação ao então General Diretor de Saúde do Exército, Doutor **Souza Ferreira**, no

dia 18 de abril de 1943. Com toda certeza, foi o sangue de sua ancestral, Dona **Anna Lins**, que gritou, chamando-a para a defesa de sua terra natal.

Em 1944, incorporaram um total de 73 mulheres brasileiras, sendo 67 no Exército e seis na Força Aérea, defrontando-se com os maiores sacrifícios e dificuldades, mas imbuídas da vontade inquebrantável de defender o nosso Brasil. Essas heroínas do Século XX terão seus atos rememorados com veneração, como fazemos agora com aquelas que nos antecederam.

Elevemos aos céus uma prece à mulher brasileira, sempre pronta para atender ao chamamento da Pátria, que escreveu, no passado, inúmeras páginas de glória e de heroísmo. Que o progresso, a paz e a liberdade que os veteranos da Segunda Guerra Mundial foram buscar nos campos da Itália sejam preservados para todo o sempre. 



Artigo publicado no "O Verde-Oliveira" nº 37, de 10 de abril de 1979, de autoria da Major Enfermeira Reformada e Veterana da II Guerra Mundial Elza Cansanção Medeiros, primeira enfermeira voluntária da FEB.



Brasília (DF) – Curso de Extensão Cultural da Mulher no Quartel-General do Exército.

O Curso de Extensão Cultural da Mulher é uma iniciativa do Gabinete do Comandante do Exército. Tem por objetivos: permitir maior integração entre militares do segmento feminino, esposas e dependentes; proporcionar maior qualidade de vida à família militar; apresentar a Instituição Exército Brasileiro, promovendo o inter-relacionamento; e estabelecer e manter vínculos de cooperação com as áreas cultural, empresarial, jornalística, universitária e científica.

As inscrições podem ser realizadas no mês de março, na guarnição de residência, e poderá participar, em caráter voluntário, todo o segmento feminino, que compreende militares, esposas e dependentes de oficiais, subtenentes e sargentos, além de militares do segmento feminino de outras Forças e senhoras da sociedade local.

Durante o curso serão realizadas visitas externas e palestras, abrangendo temas variados como: “Os perigos da Internet para a família”; “Etiqueta e Bom Comportamento Social”; “Violência contra a Mulher”; “Workshop de Maquiagem”; “Como ajudar seu filho a crescer”; “Valorização da Vida”; “As cinco linguagens do amor”; dentre outros. 

Tefé (AM) – 16ª Brigada de Infantaria de Selva.



Cascavel (PR) – 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada.



Resende (RJ) – Curso de Extensão Cultural da Mulher na AMAN.



ELAS ESTÃO PRONTAS PARA O SERVIÇO!

HOMENAGEM DA REVISTA VERDE-OLIVA

O Exército Brasileiro sempre relembra a participação e dignifica a coragem e o sacrifício dos Pracinhas brasileiros, que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Nesta edição, é com orgulho que a Revista Verde-Oliva enaltece as 72 enfermeiras que atuaram nesse grande confronto, prestando uma singela homenagem às duas guerreiras ainda vivas, merecedoras de todo o respeito e gratidão do povo brasileiro.



VIRGÍNIA MARIA DE NIEMEYER PORTOCARRERO



Movida pelo sentimento de filha de militar, sempre à disposição da Pátria, e pela paixão de enfermeira em servir ao próximo, **Virginia Portocarrero** voluntariou-se para a Guerra.

Seguiu para a Itália com o primeiro escalão, por via aérea, embarcando com outras quatro enfermeiras. No teatro de operações, prestou serviços em hospitais que acompanhavam a tropa em avanço no terreno.

Sua principal atividade ocorreu em salas de operação e em enfermarias cirúrgicas, prestando assistência aos pacientes. Nas horas de folga, voltava à enfermaria para prestar solidariedade aos feridos. *“Eu conversava com eles e escrevia cartas para quem estivesse imobilizado. Eles ditavam e eu escrevia; depois, mandava para a família...”*

Foi licenciada do Exército logo após seu retorno ao Brasil com os últimos feridos evacuados. Trabalhou, então, no Instituto do Mate, como desenhista. Com humildade ímpar, analisa a sua participação na guerra: *“Eu me orgulho de ter sido enfermeira dos Pracinhas. O verdadeiro valor estava neles; eu estava lá dando apoio e tratando deles, mas sabia que eles tinham muito mais valor do que eu; eu apenas dava apoio a quem tinha o valor de guerrear”.*

CARLOTA MELO



Irmã de dois militares, **Carlota** foi voluntária para a guerra movida pelo desafio de deixar para trás a pacata vida do interior de Minas Gerais. Após atravessar o Atlântico de avião, foi lotada no Hospital Geral de Nápoles, onde cuidou de feridos e mutilados.

Para ela, o País só falhou em não esclarecer às crianças, na escola, sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. *“Ouve-se falar que o Brasil mandou soldados mal preparados para morrerem na guerra; que mandou analfabetos, desdentados e doentes. Mas não foi assim! Aqueles homens poderiam ter feito melhor, mas fizeram o que puderam. Se eles erraram, foi pensando em fazer o certo, o melhor”,* argumenta.

Finda a Guerra, **Carlota** tornou-se funcionária pública. Em 1957, retornou ao Exército, com base em um Decreto de 1957. Passou a trabalhar no Colégio Militar de Belo Horizonte, até se aposentar. *“Sou uma pessoa que foi feliz a vida toda. Eu não fiquei sentada, esperando as coisas acontecerem. Eu sempre tive coragem para seguir o caminho que pudesse me levar a ser a **Tenente Carlota**...Foi com muita ousadia e com muita coragem que superei os obstáculos que apareciam pelo caminho. Eu os enfrentei!”*



TURMA PIONEIRA, TURMA MARIA QUITÉRIA

Em abril de 1992, quando chegamos à antiga Escola de Administração do Exército (EsAEx), hoje Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEx), em Salvador (BA), éramos 52 mulheres, cheias de sonhos e apreensões. Após o histórico grupo de enfermeiras, que partiu para a Itália com a Força Expedicionária Brasileira, em 1944, era a primeira vez que o Exército abria as portas para o segmento feminino. Formávamos um grupo bem heterogêneo, oriundo de todas as regiões do País, variando entre 22 e 36 anos de idade, limite máximo para a inscrição no concurso. Cada uma com sua história de vida: solteiras, casadas, mães de filhos pequenos, mães de adolescentes, mães solteiras ou arrimos de família. Lá éramos todas iguais, sufocando a saudade da família, do lar e do conforto, em busca de um ideal, de um futuro promissor, de uma carreira, no verdadeiro sentido da palavra.

Apesar de o Exército ter sido a última Força a admitir mulheres em suas fileiras, quando o fez foi com turmas mistas, ao contrário da Marinha e da Aeronáutica, que compunham quadros femininos. Nossa distinção em relação aos homens limitava-se aos índices para os testes físicos, adaptados ao biotipo feminino. Interessante iniciar um curso de formação militar após terminar um curso universitário: é um mundo à parte. No Quadro Complementar de Oficiais (QCO), ao qual pertencemos, sempre há um grupo de ex-oficiais temporários ou de ex-sargentos com uma experiência militar anterior. Para nós, pioneiras da turma que teria como Patrona Maria Quitéria, o conhecimento dos assuntos da caserna era totalmente nulo. Cada instrução era uma surpresa: desde uma simples continência bem feita: mão espalmada, dedos unidos, “polegar também é dedo”, repetiam nossos instrutores, “atitude, gesto e duração...!”.



até as instruções de tiro noturno, câmara de gás e ofidismo. Quando nossas zelosas mães imaginariam nos enviar para tais atividades?

Mas lá estávamos nós, contra todos os percalços, travando nossa guerra interior pela vitória coletiva. Como novatas nas ciências bélicas, não entendíamos muitas das exigências, mas deveríamos nos adaptar aos pilares daquela instituição secular, afinal, não estávamos ali compulsadas e poderíamos pedir desligamento quando bem desejássemos. E aquele era apenas o começo. Tivemos nossa majestosa formatura ao final do mesmo ano e fomos designadas, como Primeiro-Tenentes, para os mais diversos rincões do nosso imenso País. Nem todas puderam voltar para a terra natal, após classificação no curso por mérito, contudo, iniciamos nossa trajetória da mesma forma que qualquer militar: tirando serviço de 24 horas, armadas; respondendo pelos quartéis na ausência de nossos superiores; tentando modular a agudez da voz para que um

brado ou um comando feminino em formatura com os subordinados não arrancasse risos furtivos, ao invés de respeito; fazendo ronda noturna; inspecionando armamento e paiol de munição.

Sob os olhares céticos de uns e de admiração de outros, como é normal em qualquer pioneirismo, chegamos hoje ao nosso jubileu de prata, tentando, pelo exemplo, abrir caminhos para as novas gerações. Fomos, a cada missão, compreendendo os porquês de todas aquelas exigências iniciais, como que encaixando peças de um grande quebra-cabeça Verde-Oliva e descobrindo, a cada peça colocada, delinear-se o contorno da nossa Bandeira. E quando conseguimos encaixar a peça certa? Conseguimos encaixar a peça certa quando vimos aqueles rapazes que chegaram ao quartel para cumprir o serviço militar obrigatório, sem motivação, sem brilho no olhar, muitas vezes sem saber





Formatura da Turma Maria Quitéria, com o então Ministro do Exército General Zenildo Zoroastro de Lucena ao centro.

o que é ter três refeições por dia, chorando, no dia de suas baixas, abraçados aos amigos-irmãos, tristes em deixar para trás a Instituição que os acolheu, mas com olhar confiante, físico constituído e caminhar altivo.

Conseguimos encaixar a peça certa quando vimos, e algumas de nós até incorporamos, nossas tropas em atividades de Garantia da Lei e da Ordem, defendendo o nosso povo quando ambas já perderam o controle.

Conseguimos encaixar a peça certa ao fazer parte das ações subsidiárias realizadas pelo nosso Exército, em momentos de catástrofes naturais, em construção de pontes e estradas, em perfuração de poços artesianos, a fim de melhorar as condições de vida de milhares de brasileiros.

Conseguimos encaixar a peça certa quando testemunhamos o trabalho silente de nossos soldados em nossas fronteiras, defensivos e vigilantes, em variados tipos de clima e de terreno, diuturnamente, com ou sem suas famílias, pelo simples sentimento de cumprimento do dever.

Conseguimos encaixar a peça certa quando vemos ou integramos uma Missão de Paz, levando o Braço Forte e a Mão Amiga para

outras culturas que, apesar das diferenças, em pouco tempo nos acolhe e nos sorri um sorriso de gratidão.

E foi assim que, através desses últimos 25 anos, nós, da primeira turma que incorporou o segmento feminino no Exército, vivenciamos um pouco da grandiosidade da nossa Força Terrestre, contribuindo como soldados sim, mas também como professoras, advogadas, estatísticas, administradoras, cientistas da computação, veterinárias, contadoras e enfermeiras, para tornar ainda mais sólidas as estacas de sua atividade-fim. E foi com maestria que o fizemos, pois nunca deixamos de ser aquelas, lá do início: algumas solteiras, outras casadas, mães de filhos pequenos, mães de adolescentes, mães solteiras ou arrimos de família, antes tenentes, agora coronéis, mas ainda com uma estrofe da canção da antiga EsAEx em nossos corações e mentes:

“Avante minha Escola tão querida,
 Conserva o denodo varonil,
 Buscando ensinar que nossa vida
 Se engrandece a serviço do Brasil...”.



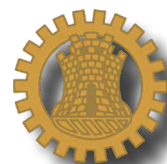
A Autora

Coronel Carla Beatriz é uma das pioneiras da Turma Maria Quitéria, da área de Magistério-Inglês; professora de inglês na Divisão de Idiomas do Centro de Estudos de Pessoal (1992-2003); Auxiliar de Estado-Maior Pessoal e Chefe do Departamento de Pessoal na Escola Superior de Guerra (2003-2006); Chefe da Seção de Idiomas da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (2006-2012); Chefe da Seção de Intérpretes do 17º Contingente do Batalhão Brasileiro de Força de Paz na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (Nov 2012 - Jun 2013); Adjunto do Curso Internacional de Estudos Estratégicos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (2013/2014); Instrutora de inglês na Escola de Línguas das Forças Canadenses (Quebec-CA) (Ago 2014 - Ago 2015). Atualmente é Chefe da Seção de Redação do Centro de Comunicação Social do Exército.



TENENTE-CORONEL QEM LUCIENE DA SILVA DEMENICIS

Integrante da primeira turma de mulheres que ingressaram no IME



No dia 28 de abril de 2017, a Tenente-Coronel Luciene foi promovida, por merecimento, ao posto atual. Graduiu-se em Engenharia Elétrica, com ênfase em Telecomunicações, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em dezembro de 1993, onde concluiu, também, os cursos de Pós-graduação, de Mestrado e de Doutorado.

Ingressou nas fileiras do Exército Brasileiro em 1997, tendo sido aprovada no primeiro processo seletivo para mulheres nos concursos do Instituto Militar de Engenharia (IME), concluindo, no mesmo ano, o Curso de Formação de Oficiais (CFO).

Serviu no antigo Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IPD), atual Centro Tecnológico do Exército (CTEx), onde trabalhou no projeto dos Óculos e Monóculo de Visão Noturna por intensificação de luz residual.

Possui os Cursos de Aperfeiçoamento Militar (CAM) e o Preparatório para o Curso de Direção para Engenheiros Militares (CP/ECEME). Foi professora do IME por 11 anos, quando ministrou diversas disciplinas para os alunos dos cursos de Graduação em Engenharia Eletrônica e Elétrica e de Comunicações. A partir de 2015, passou à disposição do Comando da Aeronáutica, a fim de integrar a primeira equipe de militares oriundos das três Forças Armadas responsável, juntamente com a empresa Telebrás, pelo controle e operação do Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC), lançado no último dia 04 de maio.

Hoje, a Ten Cel **Luciene da Silva Demenicis** é Chefe da Divisão de Engenharia de Satélite do COPE-P (Centro de Operações Espaciais Principal) – Comando da Aeronáutica – Comando Geral de Operações Aéreas.



MULHERES VERDE-OLIVA

A presença do segmento feminino é marcante em algumas organizações militares do Exército Brasileiro. Essa participação se notabiliza, não só pelo efetivo de mulheres desempenhando diferentes atividades, como também pela capacidade profissional que demonstram no exercício de suas funções.

Karenine M. Rocha da Cunha – Professora de Jornalismo no CEP/FDC



O efetivo do Centro de Idiomas do Exército (CIdEx) é constituído por 26 mulheres e seis homens. No Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx), são 22 mulheres e cinco homens. No Centro de Estudo de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC), de um efetivo de mais de 140 oficiais e sargentos, 12 são do sexo feminino. Nas três instituições, todas localizadas no Forte do Leme, no Rio de Janeiro (RJ), entre militares do Quadro Complementar de Oficiais (QCO) e Oficiais Técnico-Temporários (OTT), há mulheres nas áreas de Psicologia, Magistério, Administração, Estatística, Comunicação, Pedagogia, Economia, Biblioteconomia, Saúde e Informática. Considerando somente os servidores civis do CEP, existe a supremacia feminina, onde mais da metade dos funcionários são mulheres. Em 2016, a “Semana de Ciências Humanas”, evento de caráter acadêmico promovido anualmente pelo CEP/FDC, teve como tema central “Mulheres na Sociedade”.

Historicamente, o CEP/FDC também viveu a inserção da mulher no Exército Brasileiro (EB). Em 1992, das 49 concludentes da então Escola de Administração do Exército (EsAEx), nove foram classificadas para servir no CEP/FDC. Uma das tenentes pioneiras era **Maria Sandra Sousa Lopes**, que serve lá até hoje. Neste ano, ela foi promovida à coronel, formando, com outras sete de sua turma, o grupo das primeiras coronéis do Exército Brasileiro (EB).

A Coronel **Sandra Lopes** é chefe do Centro de Estudos Estratégicos e Educacionais do CEP/FDC e está à frente de uma equipe composta por oficiais combatentes e temporários de vários postos e graduações e servidores civis. *“Procuro transmitir exemplos de profissionalismo e motivação, principalmente para abrir espaço para as mulheres que virão. Acredito que sempre poderei contribuir com o EB”*, ressalta a pioneira, que não demonstra acomodação depois de 25 anos de serviço: *“sou coronel com o mesmo entusiasmo de tenente”*.

Com formação superior na área de Administração, a Coronel **Sandra Lopes** sempre buscou o aperfeiçoamento. Com relação ao conhecimento técnico e ao preparo militar, afirma: *“Estudei muito, porque era uma forma de haver igualdade de gênero em todos os postos”*.

O pioneirismo vai além do gênero. Concerente à sua área de formação, a coronel esteve à frente da implementação dos primeiros computadores do CEP, bem como do funcionamento em rede dos equipamentos, em meados da década de 1990.

A vaidade feminina nunca foi deixada de lado, embora sempre atrelada ao que o regulamento militar permite. *“A vaidade não deve ressaltar a sensualidade, porque não é ambiente para isso, o que não significa masculinizar”*, argumenta.



Coronel Sandra – pioneira do Quadro Complementar de Oficiais.

ASSESSORA LINGÜÍSTICA

A Tenente-Coronel **Mara Raquel da Silva Barbosa** também é “da Turma de 92, com muito orgulho!”. Hoje, ela é Subcomandante do CIdEx, Chefe da Divisão de Ensino e da Seção de Francês. Serviu na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e no Instituto Militar de Engenharia (IME), antes de chegar ao CEP/FDC, em 2005.

Em 1980, buscou oportunidades nas outras Forças, que já permitiam o ingresso de mulheres, mas nenhum concurso abria vaga para sua área: Francês.

No Exército, lembra-se da primeira missão desafiadora: atuar como assessora linguística – praticamente um eufemismo para a função de intérprete – de um militar italiano que faria um pronunciamento em francês para uma plateia multilíngue.

Outros desafios estariam por vir. Em 2007, a Tenente-Coronel **Raquel** partiu em missão para o Haiti, a fim de apoiar, como assessora linguística, com outras três mulheres, o 7º contingente. *“Sem dúvida, foi a experiência mais marcante, porque tive oportunidade de participar de operações reais, de verificar o planejamento e a execução de tudo. Aujourd’hui, je suis sûre que j’ai pris la décision correcte”*, afirma a militar, que, de fato, fez as escolhas corretas pelo Francês e pelo concurso do QCO.



PSICOLOGIA

As missões no Haiti estão intimamente ligadas ao segmento feminino das três Organizações Militares (OM), localizadas no Forte do Leme. A Major **Soraya Reis Dantas**, Chefe da Divisão de Pesquisa do CPAEx, responsável pela supervisão de toda a área de Psicologia, foi a primeira mulher a participar de uma delas, em 2006, no início das atividades da *MINUSTAH*. Na ocasião, havia duas mulheres na missão: ela e uma servidora civil. O trabalho foi pioneiro porque, no retorno, ambas produziram um relatório para o Comando de Operações Terrestres (COTER) desmistificando a ideia, então vigente, de que a presença feminina não era bem-vinda em missões de paz.

Antes da missão no Haiti, a Major já havia participado de outras duas: Força Militar de Paz em Angola, trabalhando com a desmobilização dos militares que voltavam ao Brasil, e Timor Leste.

A Major **Soraya** faz parte da primeira turma do QCO com vaga para psicólogos. Era 1997 e já trabalhava no CEP/FDC como servidora civil contratada para projetos de psicologia organizacional.

Mais do que a questão de gênero, a Major **Soraya** enfrentou o desafio da aceitação da especialidade e do trabalho do psicólogo no Exército. “No início, as mulheres ficavam restritas à área de saúde, ao magistério ou às instituições de ensino. O nosso trabalho exigia

deslocamento constante para outras unidades de pronto-emprego e operacionais, onde não havia infraestrutura, como banheiros femininos, e onde éramos colocadas em xequê”, recorda. “Aos poucos, fomos transmitindo credibilidade. Hoje o cenário é outro, tanto em infraestrutura, quanto em mentalidade. Para isso, foram necessários muito estudo e observação para aprender e evoluir na carreira.”

O CPAEx tem, atualmente, 22 oficiais técnico-temporárias da área de Psicologia. A função delas é a avaliação psicológica empregada em três situações: a admissão em cursos de especialização do Exército; a seleção, preparação, acompanhamento e desmobilização de Missões de Paz sob a égide da ONU; e o concurso de admissão para ingresso na carreira militar.

“Acordo dia após dia com a certeza de que tudo valeu a pena. Tenho convicção de que escolhi a carreira certa na instituição certa: o EB”, enaltece a Major **Soraya**, que completa 20 anos na Força em 2017, sem contar o período em que foi servidora civil.

IGUALDADE

“Ficava arretada quando diziam que alguns trabalhos da fazenda eram coisa de homem. Queria mostrar a meu avô que eu também conseguia fazer”, relembra a 1ª Tenente **Lílian Kécia Saldanha Rabelo Campelo**, que buscou a igualdade de gênero ainda na infância e adolescência, em Fortaleza (CE). O avô não viu a neta vestir a farda verde-oliva, tirar serviço e fazer o Estágio de Adaptação à Vida na Caatinga, porque faleceu um mês antes do seu ingresso na Força.

Saber que o Exército tinha espaço para mulheres foi o início do sonho que se concretizaria, em 2010, no 72º Batalhão de Infantaria Motorizada, em Petrolina (PE). Nessa época, além da graduação em Economia, era pós-graduada e mestre em Administração. Depois de dois anos e meio como militar, foi mãe pela segunda vez.

“Descobri a segunda gravidez depois de uma missão em campo e de um Teste de Aptidão



Física. Anna Laura já nasceu com a adrenalina verde-oliva. Nunca salientei as dificuldades de ser militar para meus filhos. Sempre foquei no fato de que é uma carreira nobre, para dar orgulho a eles.”

Em Petrolina, **Lílian** foi voluntária em um estágio que é obrigatório para combatentes, realizado no sertão pernambucano. “Eu tirava serviço na unidade e queria dar o exemplo de forma completa. O estágio me reportou à infância por ser na caatinga e também porque foi a oportunidade de mostrar que era possível, mesmo que eu tivesse ouvido, quando pequena, que certas coisas não eram para mulher.”

Há dois anos e meio no CEP/FDC, a Tenente **Lílian Campelo** atua na Divisão Administrativa. “É muito gratificante ser digna de vestir a farda, prestar continência, defender, da maneira que me compete, a Nação”, afirma com os olhos marejados de emoção. “A motivação de hoje é igual ou maior da que quando entrei. É como o sprint final em uma corrida”, compara a tenente, que é maratonista.

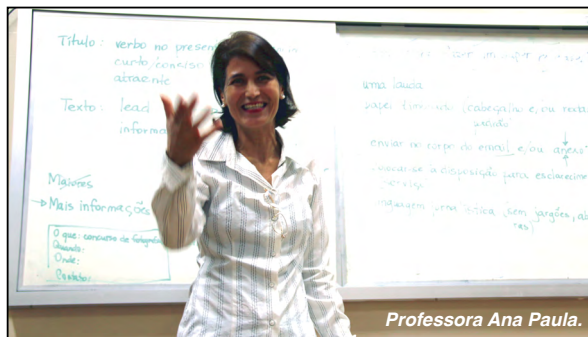
ENTRE LIVROS

A Biblioteca do CEP/FDC é chefiada por uma mulher. A 2º Tenente **Ana Carolina de Souza Pereira** ingressou na Força em 2014. Formada em Biblioteconomia, é pós-graduada em Gestão Empresarial e Sistemas de Informação e faz Mestrado em Propriedade Intelectual e Inovação Tecnológica. É a segunda oficial mais moderna do CEP/FDC, o que não tira dela a responsabilidade de gerir um acervo de 11 mil títulos, que atende a alunos dos cursos regulares do centro e pesquisadores de instituições de ensino civis.

“Com o passar do tempo, a aceitação e o respeito ao trabalho realizado não é questão de gênero, mas de confiança, conquistada pela competência. É provar que a mulher militar merece estar na Força porque tem conhecimento e domínio do que faz”, destaca a Tenente **Ana Carolina**, integrante da Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (Rede BIE), que reúne 29 bibliotecas.



Tenente Ana Carolina.



Professora Ana Paula.

MULHER CIVIL

Servidora Civil no CEP/FDC desde 1991, a Psicóloga **Mirsa Maria Araújo Quintão** concorda com a Tenente **Ana Carolina** no que diz respeito à igualdade de gêneros. “Fui sempre muito respeitada como profissional no Exército, mesmo quando houve discordância sobre pareceres”, afirma. Mas, também, concorda com a Major **Soraya**: “Nunca fui discriminada pelo fato de ser mulher, mas o fato de ser psicóloga gerou uma reação diferente dos militares em muitos momentos. É o discurso que cria problemas, não o gênero.”

Quando ingressou no CEP/FDC, por meio de concurso público, havia cerca de 10 psicólogas civis desenvolvendo o trabalho de seleção psicológica, acompanhamento, avaliação e treinamento. **Mirsa** esteve no Haiti em 2008, em acompanhamento de seleção para a MINUSTAH.

“Fico orgulhosa quando percebo a credibilidade do Exército, que é respeitado por outras instituições que entendem a necessidade da Força Terrestre para a soberania nacional”, revela **Ana Paula de Moraes Teixeira**, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professora do CEP/FDC desde 2008. No mesmo concurso de **Ana Paula**, foram aprovadas outras três professoras nas áreas de Psicologia e Pedagogia. “Fomos recebidas com boa infraestrutura e solenidade na posse. O respeito veio aos poucos e mostrou que não é questão de gênero, mas de competência e de conhecimento que a mulher tenha na área que atua.”



Professora Mirsa.



2º SARGENTO LIDIANA REINALDO JILÓ DA COSTA

Integrante da primeira turma do segmento feminino no Curso de Operações na Selva

Desde a infância, a 2º Sargento **Lidiana** teve um referencial militar: seu Pai, suboficial de Comunicações. Ela ingressou no Exército Brasileiro (EB) pelo Quadro de Saúde.

Servindo em área especial da selva amazônica e vendo seus colegas proferirem a oração do Guerreiro de Selva, sentia-se desapontada, pois apenas os homens podiam frequentar o curso. Algum tempo depois, ficou sabendo, por um oficial do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), que as mulheres também poderiam ser, em breve, Guerreiras de Selva.

Fez parte, então, da 1ª Turma do Curso de Operação na Selva que incluiu o segmento feminino (COS "F"). Além do grande desafio de entrar naquele universo, dominado pelo gênero oposto, tratava-se também de um dos cursos mais admiráveis e difíceis de serem concluídos no EB.

Constituir o pioneirismo da mulher na Força Terrestre não foi fácil. **Lidiana** não pensou nas diferenças, seguiu em frente, na certeza de que o gênero não poderia ser empecilho. Com apoio

do seu esposo, que assumiu os cuidados do filho de dois anos, seguiu para Manaus, com a frase bíblica em seu coração: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece".

A capacidade de suportar o desconforto e a fadiga, deixando de lado a vaidade feminina, raspando a cabeça e usando uniforme, na maioria das vezes molhado e sujo de lama, durante oito semanas, desenvolveram na 2ª Sargento **Lidiana** atributos sem os quais ela não conseguiria sobreviver na misteriosa floresta Amazônica. Passou a encarar desafios e a descobrir valores da carreira militar que, talvez, em circunstâncias normais, não seria capaz.

A Sargento **Lidiana** afirma: "*Ser militar do EB já é, por si só, motivo de grande honra. Mas ter conquistado o direito de carregar a "onça no chapéu", fazer parte da história da Força Terrestre e contribuir, de maneira ímpar, para a valorização da mulher, não só no âmbito do Exército, mas também na sociedade brasileira, faz transbordar o meu sentimento de honra de ser Guerreira de Selva. Guerreira de Selva nº 4.983*".





CAPITÃO

MARIA CECÍLIA ALMEIDA GUARNIER

Primeira mulher a realizar o Curso de Guia de Cordada



Em 2007, após concluir o Curso de Formação de Oficiais (CFO), na Escola de Saúde do Exército, a Capitão **Maria Cecília** foi classificada no 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, em São João del Rei (MG).

Voluntária para realizar o Curso Básico de Montanhismo, a Capitão é Guia de Cordada Número 22.041, sendo a primeira mulher a realizar o referido curso, que iniciou com 30 alunos e finalizou com apenas 18. Na oportunidade, **Maria Cecília** foi a única mulher que frequentou o curso.

Depois de servir no Hospital Militar de Área de Campo Grande (MS), como adjunto na Farmácia Hospitalar, foi transferida para o Hospital Escola da Academia Militar das Agulhas Negras (HE-AMAN).

Durante o Estágio de Montanha da Seção de Instrução Especial (SIEsp/AMAN), para cadetes da Academia da Força Aérea, a militar participou como observadora e depois como instrutora, devido à presença de quatro cadetes do sexo feminino. Em decorrência da experiência bem sucedida, atuou durante três anos como instrutora na SIEsp de Montanha. Participou, também, das SIEsp de Selva, ministrando instrução de primeiros socorros e técnicas aeromóveis nas torres da Área de Instrução Especial; e na de Patrulha de Longo Alcance, atuando no controle fisiológico para prevenção da rabdomiólise e estabelecendo protocolos de controle da hidratação, por meio da densidade urinária.

No ano de 2016, foi a primeira Chefe da Seção de Saúde do Corpo de Cadetes, criada após a desvinculação do HE/AMAN, hoje Hospital Militar de Resende. Nessa função, implantou o Sistema de Prontuário dos Cadetes, controle de baixas, dispensas e intercorrências em atividade no terreno, sendo possível estabelecer grupos de riscos para os cursos, garantindo maior segurança nas instruções.

Atualmente, a Capitão **Cecília** é Chefe do Depósito de Saúde Classe VII e Chefe do Laboratório de Análises Clínicas do Centro de Material de Aviação do Exército – Base de Aviação de Taubaté (CeMAvEx – B Av T).



O CCFEX E O SEGMENTO FEMININO



Em decorrência do sucesso obtido na inclusão do segmento feminino em diversos setores da Força Terrestre, o Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx) e suas organizações militares subordinadas realizam estudos no sentido de ampliar, cada vez mais, a inserção do sexo feminino no cumprimento dessas missões.

AValiação DA CAPACIDADE FÍSICA PELO IPCEX

Em maio de 2017, o Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército (IPCFEx) realizou as avaliações iniciais dos componentes da aptidão física em 32 alunas e oito alunos do Curso de Formação de Sargentos do 4º Grupo de Artilharia de Campanha Leve (4º GAC L), marcando o encerramento do ciclo de avaliações.

Os dados coletados dos militares de ambos os sexos, acrescentados aos resultados obtidos com o 1º grupamento do 4º GAC L, servirão para atingir os objetivos previstos no Projeto de Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélica (PISFLEMB), na área da capacitação física.

Os componentes da aptidão física de todos os alunos e alunas foram avaliados pelos seguintes

testes: composição corporal e densidade mineral óssea, força isométrica máxima de membros inferiores, flexão na barra fixa, preensão manual, avaliação da regulação autonômica, flexão de braços sobre o solo e avaliação da capacidade cardiorrespiratória por meio do protocolo de corrida de 3.000 metros.

O monitoramento da capacidade física dos militares de ambos os sexos do Curso de Formação de Sargentos (CFS), utilizando essas avaliações ao longo da formação militar, tem os seguintes objetivos: analisar a influência do treinamento físico militar no desenvolvimento da capacidade física para o desempenho das tarefas militares; ratificar ou retificar os índices estabelecidos nos testes físicos pelas portarias sobre os Padrões Especiais de Desempenho (PED); e identificar, nos próximos anos, o perfil físico adequado de ambos os sexos para a formação de oficiais e sargentos da Linha de Ensino Militar Bélica (LEMB).





A primeira aluna militar a concluir o Curso de Instrutor de Equitação foi a 1º Tenente PMERJ Cássia Cestari Delbone, no ano de 2014.

Atualmente, os projetos na área de capacitação física estão na etapa inicial da primeira turma do CFS, com a inserção do sexo feminino na LEMB. O planejamento desses projetos é acompanhar o desenvolvimento da capacidade física de cinco turmas do Curso de Formação de Oficiais (CFO) e do CFS. Com os dados coletados e a análise dos resultados das pesquisas, busca-se aperfeiçoar o desenvolvimento da capacidade física na formação dos futuros sargentos da LEMB, para exercer a função de comandante de pequenas frações.

Ao final das avaliações, são realizadas palestras sobre a importância da inserção do sexo feminino na linha de ensino militar bélica e sobre o adequado desenvolvimento da capacidade física para a operacionalidade, independentemente do sexo.

O SEGMENTO FEMININO NA EQUITACÃO MILITAR

A participação do segmento feminino na Equitação Militar remonta ao ano de 1988, quando, de forma pioneira, as senhoras **Suzana de Souza Martins e Maria Pia de Freitas Costa** foram matriculadas no Curso de Instrutor de Equitação.

A primeira aluna militar a concluir o Curso de

Instrutor de Equitação foi a 1º Tenente da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro **Cássia Cestari Delbone**, no ano de 2014. Entretanto, diversas alunas que concluíram o curso como civis antes de 2014 ingressaram, posteriormente, no Exército Brasileiro, como a 1º Tenente Veterinária **Bruna Machado Amaral Rosa** e a 1º Tenente **Karin Schuck Hemesath Mendes**, atualmente fazendo parte da Comissão Regional de Obras (CRO/1), no Rio de Janeiro.

Cabe salientar que as alunas do Curso de Instrutor de Equitação, sejam elas civis ou militares, cumprem rigidamente todas as atividades inerentes ao curso, instruções práticas de Adestramento, Salto, Concurso Completo de Equitação, Saltadores e Iniciação de Cavalos Novos, além das instruções teóricas das disciplinas supracitadas.

A rotina no trato com animais também fica sob a responsabilidade das alunas: higiene dos animais, limpeza das baias, reserva de materiais, acompanhamento da higidez física dos cavalos e preparação dos animais para as aulas práticas, além da participação em seções diárias de treinamento físico militar.

Após concluírem o curso, as militares do segmento feminino devem estar totalmente aptas a ministrar instruções de equitação nos Corpos de Tropas e Escolas de Formação, coordenar as atividades ligadas ao cavalo nas diferentes Unidades militares e desenvolver os conteúdos atitudinais advindos da prática da equitação.



3º Sargento Papini – atleta de voleibol.

AS MULHERES MILITARES DO PAAR DO EXÉRCITO

O Programa de Atletas de Alto Rendimento (PAAR) do Exército possui, atualmente, 177 militares divididos em 18 modalidades esportivas. Desse total, 67 são do segmento feminino.

Desde a sua criação, em 2009, as mulheres integram o programa nas diversas equipes militares. No seu 10º edital de convocação, mais dez mulheres foram incorporadas ao projeto.

Durante duas semanas de estágio de adaptação à vida militar, elas realizam as mesmas atividades que os homens e costumam destacar-se em todas.

A 3º Sargento **Priscilla Gonçalves**, da modalidade orientação, recebeu a premiação de combatente de melhor aptidão física. A 3º Sargento **Papini**, da modalidade voleibol, foi a combatente de melhor aptidão de tiro e a 3º Sargento **Diamante**, da modalidade natação, esteve em evidência durante o acampamento, recebendo o diploma de Honra ao Mérito, por ter sido a destaque geral do estágio.

A Comissão de Desportos do Exército exalta a participação das mulheres na carreira militar e no desporto, parabenizando aquelas que se destacam pela determinação e pela coragem com que desempenham suas atividades. 



Duda – atleta de voleibol.



2º SARGENTO JÉSSICA GONÇALVES PINHEIRO



Primeira mulher a concluir o Curso de Monitor de Educação Física no Exército Brasileiro

“Para mim foi uma questão de superação, pois fazer o curso com 34 homens, sem nenhuma mulher como referência, e sabendo que eu abriria portas para outras mulheres foi uma honra, mas também uma responsabilidade muito grande”

Buscando fazer frente aos novos desafios e preparar-se para futuras missões, a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) realizou, no ano de 2015, estudos para que o Curso de Monitor de Educação Física (CM) contasse com a presença de representantes do sexo feminino. Tal estudo teve por objetivo antever as novas necessidades geradas a partir da inserção do sexo feminino na linha militar bélica nas escolas de formação.

A elevada carga de atividades, principalmente as práticas, que se iniciam desde os testes de admissão e se prolongam por todo curso nas avaliações formativas, fez crescer a importância da realização de estudos para a adequação das tabelas de avaliação, sem comprometer o princípio de equidade de gênero, dentro de suas diferenças.

Neste intuito, o Conselho de Ensino da EsEFEx, conduzido e orientado por seu comandante e em parceria com o Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército, buscou encontrar uma representante do sexo feminino que apresentasse as condições físicas e disciplinares necessárias para tal projeto. Por atender os pré-requisitos já elencados e por já integrar o corpo permanente da EsEFEx, a então 3º Sargento **Jéssica Gonçalves Pinheiro** foi selecionada.

Durante a realização do curso de Monitor, a 2º Sargento **Jéssica** provou, por meio de seu desempenho, que os critérios que levaram à sua escolha foram uma decisão acertada, pois possibilitaram que a militar lograsse êxito em todas as atividades práticas do curso. Seus resultados ajudaram, também, a ratificar as tabelas de avaliação inicialmente propostas.

O profissionalismo e a dedicação demonstrados pela militar durante o curso foram determinantes para que a participação do sexo feminino no Curso de Monitor da EsEFEx fosse hoje uma realidade. Atualmente, a Escola permanece em estudos para a inserção cada vez maior do segmento feminino. Neste ano de 2017, o Curso de Monitor conta com a participação de outras duas sargentos, enquanto **Jéssica** permanece aplicando os conhecimentos adquiridos, exercendo a função de monitora dos Cursos de Instrutor e de Monitor de Educação Física. 

HISTÓRIAS DE DEDICAÇÃO DE DUAS MÉDICAS MILITARES



TENENTE-CORONEL MÉDICA YAMAR EIRAS BAPTISTA

Em 1980, a Primeira-Ministra do Reino Unido, **Margaret Thatcher**, disse: *“Eu tenho a habilidade feminina de insistir em um trabalho e continuar com ele quando todos já desistiram e foram embora”*.

Essas poderiam ser as palavras de todas as militares do Exército Brasileiro, inclusive da Tenente-Coronel Médica **Yamar Eiras Baptista**, que no fim dos anos setenta, aos onze anos de idade, ouviu do pai, Coronel R/1 de Infantaria, que as mulheres não podiam ser militares. Realmente, naquela época, as mulheres ainda não tinham seu ingresso permitido nas Forças Armadas Brasileiras.

Diante da negação de sua vocação e pela influência de sua tia materna, a Doutora **Nize Magalhães da Silveira**, **Yamar** seguiu a carreira de medicina. Acreditava que, como médica, poderia, de alguma forma, ser útil à atividade militar, graduando-se na Faculdade de Medicina de Vassouras (RJ), em 12 de junho de 1991. Posteriormente, especializou-se em Medicina Física e de Reabilitação.

Em 1996, apesar de estar decidida a ser militar, após a inclusão do segmento feminino

no Serviço de Saúde do Exército, teve de adiar mais uma vez seu ingresso na Força Terrestre, pois existia a preocupação paterna quanto à adaptação das mulheres aos rigores da vida castrense. Essa resistência teria que ser vencida aos poucos. Optou, então, por ingressar como militar temporária, cumprindo, inicialmente, um período probatório.

Passado esse tempo, concluiu o Curso de Formação de Oficiais da Escola de Saúde do Exército, no posto de Primeiro-Tenente Médica, em novembro de 1998. Durante a formatura de conclusão do Curso de Oficiais, recebeu das mãos de seu pai a mesma espada de Oficial usada por ele, ouvindo as seguintes palavras: *“É impossível impedir um rio de encontrar o seu mar. Siga seu destino.”*

Ela seguiu! Serviu em Organizações Militares de Saúde, Tropa, Ensino e Diretoria.

No ano de 2007, integrou o efetivo militar brasileiro na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), na região de Porto Príncipe. Lá, atuou como médica de uma das Companhias de Fuzileiros do Batalhão Brasileiro no Haiti, o BRABAT 7, participando de



todas as atividades operacionais.

Na sequência de sua carreira, foi instrutora da Escola de Saúde do Exército (EsSEx) de onde solicitou transferência para a Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt) a fim de realizar seu grande sonho: tornar-se paraquedista militar. Esse sonho nasceu na infância, ao presenciar uma simulação de assalto aeroterrestre. A imagem dos militares e de seus paraquedas inflados, saindo pela rampa de uma aeronave militar Búfalo(C-115) – vulgo “carregador de piano” – armados, equipados e com os “boots marrons” é, até hoje, uma de suas maiores fontes de inspiração, o farol que mostra sempre a direção a seguir: o caminho da porta rumo à ação!

A então Capitão **Yamar** logrou ser a paraquedista militar número 77.767, no turno 2010/1. No tempo em que serviu na Bda Inf Pqdt, atuou junto à tropa aeroterrestre como médica da aviação nos saltos de grande altitude; como Chefe da Formação Sanitária do Centro de Instrução Paraquedista; e como médica da equipe de resgate e Comandante do Destacamento de Saúde Paraquedista (Dst Sau Pqdt).

Em 2011, a Major **Yamar** assumiu o Comando do Dst Sau Pqdt, sendo a primeira mulher a exercer tal função no EB. Seu pai, infelizmente, faleceria poucos dias antes da sua assunção de comando. Esse fato, no entanto, não o impediu de legar um último ensinamento à filha militar: “As palavras convencem, mas os exemplos arrastam.



Recepção ao Gen Bda Escoto, Cmt da Bda Inf Pqdt, em inspeção ao Dst Sau Pqdt.

Você deve decidir que tipo de líder quer ser!”

O dito paterno a levaria a assumir, em 2015, o comando do Hospital de Campanha, a única Organização Militar de Saúde (OMS) do EB, valor Unidade, voltada exclusivamente para a atividade operacional. Durante os dois anos em que esteve à frente desse hospital singular – herdeiro do 1º Batalhão de Saúde da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial – planejou sua atividade e desdobrou suas instalações de saúde de campanha inúmeras vezes, entre as quais: a Manobra Escolar da Academia Militar das Agulhas Negras, o Exercício de Resposta à Emergência Nuclear de Angra dos Reis/RJ e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos/RIO 2016.

Em sua carreira, também realizou os cursos de Medicina da Aviação, de Direito Internacional dos Conflitos Armados, de Mestre de Salto e de Comando e Estado-Maior.

Atualmente, a Tenente-Coronel **Yamar** serve na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército Brasileiro e prepara-se para atuar como militar de estado-maior em uma das Missões de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU).





TENENTE-CORONEL MÉDICA CARLA MARIA CLAUSI

Desde a infância, os assuntos militares sempre estiveram muito presentes na vida da Tenente-Coronel Médica **Carla Maria Clausi**. Seu avô paterno, **Francesco Clausi**, era italiano e lutou na 1ª Guerra Mundial como tenente; era *bersagliere* (Unidade de Infantaria do Exército Real Italiano) e recebeu a medalha de prata por bravura em combate. Do lado materno, seu tio-avô, o também Tenente **Thomaz Walter Iwersen**, foi o primeiro combatente sul-americano a desembarcar na Itália, em 16 de julho de 1944, na 2ª Guerra Mundial, e sua fotografia ficou famosa por esse fato. Foi oficial de reconhecimento e observador avançado na 3ª Bateria do 2º Grupo de Artilharia, nas batalhas de Montese e Monte Castelo. Também recebeu várias medalhas, dentre elas as de Campanha: **Mascarenhas de Moraes** e **Tenente Max Wolff Filho**. Até o fim de seus dias, esteve à frente do Museu do Expedicionário de Curitiba, que orgulhosamente presidiu e cuidou por vários anos.

Eram todas pessoas de postura, de grande caráter, que suscitavam admiração e respeito. Além disso, seu pai, médico, Doutor **Roberto Mario Clausi**, apaixonado pelas Forças Armadas, tinha uma biblioteca militar invejável. Só não

abraçou a Marinha como profissão porque seu avô, conhecedor das tristezas da guerra, não queria que ele seguisse a carreira militar. Jamais poderia imaginar, no entanto, que sua única neta seguiria a carreira das Armas! Foi criada, então, assistindo a desfiles de 7 de setembro, aprendendo e cantando a Canção do Exército, subindo e descendo de carros de combate, em exposições militares; aprendendo a atirar com as armas da família; mas, principalmente, recebendo uma educação extremamente patriota e de retidão, com valores de dignidade, de comprometimento profissional e de honestidade.

Finalmente, casou-se com um Oficial do Exército, o então Major de Infantaria **Itamar Torrezam**, que lhe introduziu ao verdadeiro mundo militar. Com ele viveu no coração da Amazônia, tratou de índios, garimpeiros, teve malária, quase morreu por uma gravidez tubária rota em pleno Forte Príncipe da Beira, nas longínquas fronteiras de Rondônia, usando todo o sistema de evacuação aero-médica para feridos em combate das Forças Armadas, sendo operada (e salva) em Porto Velho. Sentiu na própria pele a importância de haver militares espalhados por todo o Território Nacional, tanto para a manutenção da soberania,

quanto para a ajuda às nossas populações carentes e ribeirinhas. Foi dessa maneira que, em 1996, após oito anos de formação médica como cirurgião-geral, cardiologista e intensivista, teve a oportunidade de entrar para a carreira, como Aspirante a Oficial. No ano seguinte, realizou a prova para a Escola de Saúde do Exército, sendo aprovada como oficial de carreira em 1997. Foi a concretização de um grande sonho. Assim, reuniu toda uma formação baseada em valores éticos, morais e de bons costumes a um espírito desbravador, que já possuía, fazendo com que se apaixonasse pelo Exército.

Assua turma de 1997, com as primeiras médicas do Exército Brasileiro (EB), foi muito especial, composta por mulheres com a mesma vontade de viver as aventuras e as experiências que somente as Forças Armadas podem proporcionar.

Ao longo de 21 anos de carreira, cumpriu diversas missões. De 1997 a 2003, chefiou a Unidade de Terapia Intensiva e o Serviço de Cardiologia do Hospital Geral de Curitiba (HGeC). Em 2000, integrou a 1ª turma de Medicina Esportiva do Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx) com mulheres. Seu maior orgulho, além de ter concluído o curso classificada em 1º lugar, foi ter feito a travessia da Baía de Guanabara a nado, juntamente com os alunos do Curso de Instrutor de Educação Física. Conseguiu implementar oficialmente, a partir de 2000, a Corrida de Orientação para o segmento feminino nas Forças Armadas e integrou a 1ª equipe feminina da Comissão de Desportos do Exército (CDE) e da Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB), no Campeonato Mundial Militar do *Conseil Internationale des Sports Militaires* (CISM), no ano de 2001, em Beja, Portugal.

A partir daquela meta esportiva alcançada, passou a almejar cursos técnico-profissionais, visando ampliar os conhecimentos científicos e trazê-los para dentro da Força. Foi assim que, de 2004 a 2006, realizou um estágio de pós-graduação em Terapia Intensiva, em Bruxelas, na Bélgica, no Serviço do Professor Doutor **Jean-Louis Vincent**, até hoje considerado um dos melhores do mundo, trazendo para o Brasil a experiência e a tecnologia de última geração nessa área, reconhecida internacionalmente.

Em 2007, cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), onde deu início, com a anuência do comandante, a um importante estudo sobre a Atualização da Medicina Operacional no EB.

Em seguida, integrou dois Contingentes de Missão de Paz da ONU no Haiti, o 9º e o 10º BRABATT (*Brazilian Battalion*), em 2008 e 2009, os últimos antes do terremoto devastador, de 2010. Sempre diz que essa foi a experiência



Tenente-Coronel Carla realizando parto no Haiti.

mais marcante de toda a sua vida, tanto do ponto de vista pessoal como do profissional. Passou um ano vendo crianças morrendo de inanição, abandonadas nas portas dos orfanatos, onde as Irmãs comem somente a cada dois ou três dias, para deixar o alimento para os pequeninos. Viu pessoas sem nada para comer, literalmente, e outras tomando banho na água de esgoto a céu aberto. Viu um país destruído, onde existe a verdadeira luta pela sobrevivência. Viu mães disputando pedaços de pão, como leões, com o gosto de sangue na boca, para alimentar sua família. Viu agressões desumanas entre seres humanos. Trabalhou com eles e por eles. Tratou de crianças agredidas pelos próprios pais, trouxe bebês ao mundo, ajudou a enterrar mortos. No episódio do desabamento da Escola *La Promesse*, em novembro de 2008, onde mais de 90 crianças perderam suas vidas, fez parte de uma equipe que resgatou, com vida, quatro crianças haitianas de 6 e 7 anos. Entretanto, também teve que deixar outras tantas crianças para trás, cujos gritos de socorro no meio da noite escuta até hoje. Infelizmente, nada mais havia a fazer. Salvaram as que puderam ser alcançadas, mas aquelas inatingíveis...

Como esquecer experiências como essas?

Segundo a Tenente-Coronel Carla, o maior ensinamento de todos é o da valorização da vida e da família que possui. Sua expressão profissional máxima é a de saber-se imprescindível num local como aquele, acreditando no trabalho da ONU, no empenho do EB e na luta de todos os países participantes da MINUSTAH (*Mission des Nations Unies pour La Stabilization d'Haiti*) em prol da melhoria da dignidade humana.

Após a volta do Haiti, teve a imensa satisfação de ser aprovada no Concurso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, realizando a 1ª prova aplicada no exterior.

Ao longo de 2009 e 2010, **Carla** serviu no Hospital Central do Exército (HCE), no Rio de Janeiro, onde foi Chefe da Unidade de Cuidados Intermediários da Clínica Médica (UCI-CM) e



Chefe Adjunta da Emergência, empregando os ensinamentos adquiridos na Bélgica, de forma significativa.

Em 2011, fez parte da primeira turma do Curso de Comando e Estado-Maior que incluiu o segmento feminino. Foi um grande desafio integrar a escola de mais alto nível do EB e um orgulho incomensurável concluir o curso em 1º lugar, mais uma vez. Voltou ao HCE em 2012, trabalhando em projetos de várias reformas estruturais, na Assessoria de Planejamento e Gestão.

No biênio 2013-2014, foi nomeada a 1ª instrutora do segmento feminino do Curso de Altos Estudos Militares da ECEME, atuando na Seção de Logística e Mobilização. Novos desafios foram impostos e a importante missão de “Guardiã do Saber” foi cumprida a contento.

Finalmente, atingiu o objetivo de todos os oficiais, sendo nomeada uma das primeiras mulheres a dirigir uma organização militar, o Hospital de Guarnição de João Pessoa (HGuJP), onde se encontra até o presente momento, após uma recondução para o 3º ano de direção. Lá, também, conseguiu realizar seu primeiro curso operacional, o de Adaptação à Caatinga, no qual foi considerada destaque pelos companheiros.

A trajetória tem sido árdua, mas o trabalho desenvolvido, de humanização do atendimento, tem sido muito importante no hospital e tem servido de exemplo para outras organizações militares de saúde.

A Ten Cel **Carla** considera que ser Diretora de uma unidade do Exército é uma grande conquista para as mulheres, principalmente pelo reconhecimento da meritocracia e da competência

demonstrada pelas profissionais do segmento feminino, do qual é apenas uma representante. Três novas diretoras de hospitais acabam de ser nomeadas para o biênio 2018-2019.

As perspectivas futuras abrem dois caminhos: o da Medicina Assistencial, mais valorizada atualmente, por não haver guerra no Brasil há 72 anos e por ser o dia a dia da área da Saúde, em todos os rincões do Brasil; e o da Medicina Operacional, que é o seu verdadeiro farol. Essa poderia ser plenamente realizada, se fosse possível planejar, organizar e executar uma missão de paz da ONU, levando um Hospital de Campanha para uma Missão Conjunta de Saúde entre as três Forças Armadas, em algum país que necessite de ajuda humanitária. É por esse objetivo que a Tenente-Coronel **Carla** passará a lutar, após o término da Direção do HGuJP. Estará, no entanto, sempre pronta a desempenhar quaisquer missões que lhe forem determinadas pelo Comando do EB.

Quanto ao Generalato, as integrantes da turma de 1997 serão as primeiras oficiais que poderão chegar a esse posto, mas a coisa não é tão simples. Há que se considerar vários quesitos, ao longo de toda uma carreira, que em janeiro de 2017 completou 21 anos. É difícil julgar e classificar as atitudes profissionais de toda uma história de vida, mas tudo o que fizeram tem sua pontuação e, a partir disso, é estabelecida uma meritocracia. O mais importante é a consciência de que tem feito o seu melhor. Em todos os casos, e para concluir, **Carla** deixa este provérbio espanhol, que valoriza absurdamente: “*É bem diferente falar sobre touros e estar dentro da arena*”.

2º SARGENTO DE SAÚDE LANE CARLA ALVES DE MATOS

Primeira militar de carreira do segmento feminino a concluir o Curso de Paraquedismo do Exército Brasileiro



Formada no Curso de Formação de Sargentos em 2006, a 2º Sgt Lane é paraquedista de número 73.278, por ter concluído o curso 07/01, primeiro a formar praças femininas de carreira. Há oito anos, serve no Destacamento de Saúde da Brigada Paraquedista, na cidade do Rio de Janeiro.

Para ela, saltar de paraquedas é uma realização pessoal e profissional. Possui um imenso orgulho por ter sido uma das pioneiras, facilitando o caminho para as demais mulheres que também desejam saltar.

“Ingressar nas fileiras do Exército foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido, pois ser militar é mais que uma profissão, é um estilo de vida.”

Costuma dizer que é muito abençoada, porque faz as duas coisas que mais ama: ser da área de saúde, ajudando a salvar vidas; e ser paraquedista, podendo viver uma aventura a cada salto realizado.

Segundo ela, na Brigada Paraquedista o tratamento e a exigência são os mesmos para ambos os sexos, e conclui: *“Não temos a mesma capacidade física do homem, isso seria fisiologicamente impossível, mas temos a mesma garra, coragem, determinação e fibra.”*



DIA INTERNACIONAL DA MULHER



Palestra na Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército – Niterói (RJ).



No dia 8 de março, as Organizações Militares do Exército comemoraram o “Dia Internacional da Mulher”. Nessa data, foram realizadas inúmeras atividades com o intuito de exaltar tudo o que elas representam, bem como a sua luta na conquista de maior espaço no seio da sociedade, particularmente no âmbito do Exército Brasileiro.



A Câmara Municipal outorgou o Diploma de Mulher-Destaque da Cidade à 3ª Sargento da QMS de Saúde, Milena de Oliveira Bucher, do 34º Batalhão de Infantaria Mecanizado – Foz do Iguaçu (PR).





Palestra no Comando Militar da Amazônia – Manaus (AM).



Café da Manhã na Escola Preparatória de Cadetes – Campinas (SP).



Café da Manhã no 23º Batalhão Logístico de Selva – Marabá (PA).



Formatura Geral no 3º Batalhão de Suprimento – Nova Santa Rita (RS).



Entrevista e Café da Manhã no 5º Regimento de Carros de Combate – Rio Negro (PR).



Cumprimento às integrantes do segmento feminino no 4º Regimento de Carro de Combate – Rosário do Sul (RS).



DESTAQUES *do trimestre*

Rio Formoso (PE) – Nasceu, no dia 8 de junho, **Maria Clara Silva**, o primeiro bebê do Hospital de Campanha do Exército (H Cmp), instalado no interior de Pernambuco. Sua mãe chegou em trabalho de parto e foi atendida pela equipe médica que estava de plantão. O H Cmp teve a missão de atender à população atingida pelas recentes chuvas, que deixaram centenas de pessoas desabrigadas e destruíram o hospital da cidade.



São Paulo (SP) – Em 10 de junho, os oficiais R2 da Turma **Andrade Neves**, do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, formados em 1985, que, naquela oportunidade, não receberam a espada de oficial, por ocasião da declaração a aspirantes, realizaram a importante complementação daquela cerimônia. Passados quase 32 anos, depois de tantas realizações e sucessos pessoais e profissionais, emocionados e perfilados, receberam o maior símbolo do oficialato, que representa a virtude, a bravura e o poder da luta e da justiça: a espada.



São Gabriel da Cachoeira (AM) – No dia 9 de junho, o Hospital da Guarnição de São Gabriel da Cachoeira recebeu a visita de senadores e deputados federais, acompanhados do Comandante Militar da Amazônia, General de Exército **Geraldo Antônio Miotto**. A comitiva de parlamentares teve a oportunidade de conhecer as diversas instalações do hospital, dentre as quais as unidades de internação.



Brasília (DF) – No dia 13 de junho, o Chefe do Departamento-Geral do Pessoal, General de Exército **Manoel Luiz Narvaz Pafiadache**, aprovou e assinou a Diretriz de Implantação do Projeto Sistema Integrado de Gestão de Saúde do Exército Brasileiro (EB S@úde). A Diretriz regula as medidas necessárias à implantação do Projeto e dos seus Subprojetos, que foram aprovados pelo Conselho Superior de Tecnologia da Informação do Exército (CONTIEx).

Taubaté (SP) – O 2º Batalhão de Engenharia de Combate, sediado em Pindamonhangaba (SP), realizou a perfuração de um poço artesiano na área do Comando de Aviação do Exército (CAvEx), proporcionando abastecimento de água para todas as unidades militares subordinadas. O poço tem 152 metros de profundidade, dando uma vazão de 42 mil litros de água por hora.



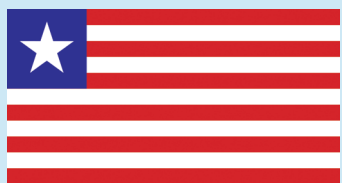
Goiânia (GO) – No período de 22 a 26 de junho, o Comando de Operações Especiais (COpEsp) apoiou o curso de formação de vitaliciamento da Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados da Justiça Militar da União (ENAJUM). O evento teve por objetivo apresentar aos Juizes do Superior Tribunal Militar (STM) as peculiaridades do COpEsp e colaborar com as atividades do curso, particularmente aquelas voltadas para o desenvolvimento de atributos da área afetiva.



São Paulo (SP) – No dia 14 de junho, aconteceu, no Quartel General do Ibirapuera, o simpósio sobre as novas Normas Reguladoras dos Procedimentos para Blindagem de Veículos (NORBLIND). Realizado pelo Serviço de Fiscalização de Produtos Controlados da 2ª Região Militar (SFPC/2) e sob a supervisão da Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados (DFPC), a iniciativa visou apresentar e divulgar aspectos relevantes da nova legislação.



São Paulo (SP) – No dia 26 de junho, foi realizada uma solenidade em homenagem ao 3º Sargento **Mário Kozel Filho**, morto em atentado no Quartel-General do Ibirapuera. O evento ocorreu no pátio de formaturas que leva o nome do próprio homenageado.



MISSÃO INDIVIDUAL NA LIBÉRIA: FORCE GENDER OFFICER

A missão da Force Gender Officer visa atender à Resolução 1325 (2000) do Conselho da ONU, a qual, dentre outras medidas, estabelece as que assegurem a proteção e o respeito dos direitos humanos de mulheres e meninas, especialmente no tocante à Constituição, ao Sistema Eleitoral, à Polícia e ao Judiciário.

Regina Lúcia Moura Schendel – Tenente-Coronel Médica



Treinamento das questões de gênero para oficiais e praças em batalhão na Nigéria.

INTRODUÇÃO

Fundada em 1847, por escravos americanos libertos e por uma organização privada chamada *American Colonization Society*, a República da Libéria é, atualmente, um dos países mais pobres do mundo. No decorrer da história, sua população sofreu duas guerras civis e uma epidemia pelo vírus Ebola, eventos que justificaram a intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) no país desde 1993. Em 2003, por meio da Resolução 1509, o Conselho de Segurança da ONU estabeleceu a Missão das Nações Unidas na Libéria (UNMIL), objetivando, em ordem de prioridade: a proteção aos civis; o apoio à ajuda humanitária; a reforma das instituições de justiça e segurança; a promoção e proteção dos Direitos Humanos e a proteção do pessoal das Nações Unidas.

As condições socioeconômicas na Libéria são precárias. O fornecimento de energia elétrica é somente por meio de geradores; não há sistema de tratamento de água; não há transporte público e as condições das estradas são péssimas (exceto na capital); há grande número de refugiados (Costa do Marfim, Guiné, Serra Leoa e outros países); a disponibilidade de mercados e alimentos (exceto na capital) é restrita; e grande parte dos vilarejos possui somente casas de barro. A quantidade de médicos é ínfima para o grande número de doenças, sendo as mais comuns: Ebola (erradicado em setembro de 2016), Malária e *Lassa Fever*. Verifica-se a presença de muitas ONG e agências da ONU.

DESENVOLVIMENTO

A missão de Paz de caráter individual como *Force Gender Officer* (Oficial do Estado - Maior para as questões de Gênero) visa apoiar a Força Militar da UNMIL na implementação das diretrizes do *United Nations Department of Peacekeeping Operations and Department of Field Support* – DPKO/DFS (Departamento de Operações de Manutenção de Paz e Departamento de Apoio no Terreno – ONU) para integrar o gênero no planejamento e no trabalho dos militares em operações de paz da ONU na Libéria.

Uma melhor compreensão dos militares sobre as questões de gênero permite cumprir o mandato de forma mais eficaz. Por exemplo, ao planejar um programa de desarmamento, desmobilização e reintegração, a compreensão do papel das mulheres e meninas em grupos armados pode permitir um melhor planejamento

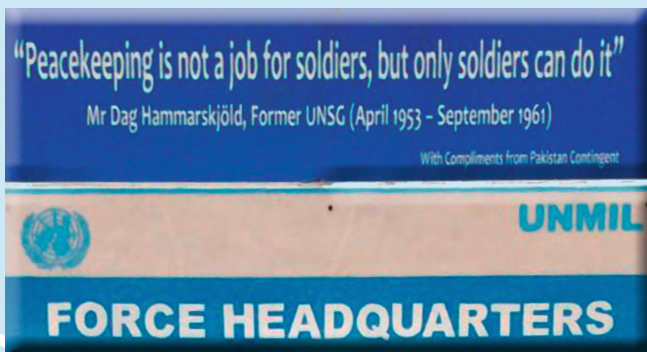


Tenente-Coronel Schendel sendo condecorada pelo Sr. Farid Zarif, Representante Especial do Secretário-Geral da ONU na Libéria.

para atender às necessidades de ex-combatentes e de pessoas associadas a grupos armados. Tal planejamento deverá conduzir uma melhor reintegração dos grupos armados à sociedade e uma maior estabilidade, minimizando a chance de haver ressurgimento do conflito.

A habilitação de pessoal militar na sensibilização sobre a conduta de gênero pode re-duzir a incidência de maus tratos às populações civis por forças de paz. Tudo é feito para atender à Resolução 1325 (2000), do Conselho da ONU, a qual, dentre outras medidas, estabelece as que assegurem a proteção e o respeito dos direitos humanos de mulheres e meninas, especialmente no tocante à Constituição, ao Sistema Eleitoral, à Polícia e ao Judiciário. Na verdade, o *Force Gender Officer* trabalha para todos (homens, mulheres, meninas e meninos), porém, estatisticamente, como há um número maior de mulheres e meninas vítimas de violência em conflitos armados, o enfoque nesse grupo é maior.

A missão de um ano da qual fui incumbida iniciou em abril de 2016. Ao me apresentar no Quartel-General da ONU na Libéria, na capital Monróvia, tomei conhecimento de que, no dia seguinte, teria que partir para *Entebbe* (Uganda) para um *workshop*, com representantes militares para as questões de gênero de diversos países presentes nas Missões de Paz da ONU. Ainda havia a epidemia pelo vírus Ebola na Libéria, o que limitava o tempo entre as conexões dos voos necessários (Serra Leoa, Costa do Marfim e Quênia) para se chegar ao destino, já que, a cada desembarque, era realizada uma inspeção sumária de saúde.



Menção do Sr Dag Hammarskjöld, Secretário-Geral da ONU (1953 a 1961):
 “A manutenção da paz não é um trabalho para os soldados, mas só os soldados podem fazê-lo”, no andar do QG UNMIL destinado aos militares.



Ao retornar para a Libéria, iniciei, de fato, os trabalhos como *Force Gender Officer*, realizando, dentre outras tarefas, a assessoria ao *Force Commander* (Comandante Militar). Coordenei e conduzi treinamento de gênero em todos os níveis, para assegurar a transferência de conhecimento entre colegas, em todos os escalões militares.

Faz-se necessária a presença de uma mulher nesse tipo de missão pelas características que lhe são peculiares, como a compreensão e o tato para lidar com colegas de culturas e religiões diversas. Inicialmente, éramos duas oficiais de Estado-Maior, porém, cinco meses mais tarde, fiquei na condição de única *Staff Officer* do sexo feminino.

Em minha opinião, o respeito aos colegas, a discrição e o profissionalismo são a chave do sucesso para uma missão de longa duração, sem intercorrências. O mesmo digo em relação ao trato com a população local: respeito às tradições, cautela e discrição. Quanto à função propriamente dita, é importante saber lidar com a gestão de crises em ambientes diversificados.

Na UNMIL havia representantes dos seguintes países: Alemanha, Bangladesh, China, Dinamarca, Egito, Etiópia, Estados Unidos da América, França, Gana, Malásia, Nepal, Nigéria, Paquistão, Rússia, Suécia, Togo, Ucrânia e Brasil.

O país segue um percurso ainda muito sensível, num ambiente de incertezas, já que as eleições para um novo presidente transcorrerão somente em setembro de 2017. No momento, a situação de segurança é calma e estável.

CONCLUSÃO

Devemos estar atentos para o aumento de solicitações de mulheres para missões de paz de caráter individual. O Conselho de Segurança da ONU tem demonstrado, dentre outros assuntos, grande preocupação pelo grande número de casos de violência sexual que ainda persiste no mundo. O novo Secretário-Geral da ONU, Sr. **António Guterres**, declarou recentemente estar determinado a aumentar o número de mulheres em todas as atividades da ONU, o que ajudaria no avanço de esforços no sentido de prevenir e de responder à exploração e ao abuso sexual. A meta está em incrementar em 15% o número de militares do sexo feminino em cada missão.

Destaco, finalmente, que as Missões de Paz tornam-se cada vez mais complexas e multidimensionais, devendo o militar trabalhar em estreita coordenação com a polícia da ONU; com o pessoal civil interno e externo; com as agências das Nações Unidas e com outras organizações civis na área da missão. Apesar da tarefa ser árdua, o ganho com conhecimentos regionais e humanos é muito gratificante. 

NOSSAS OM: O HOSPITAL DE GUARNIÇÃO DE JOÃO PESSOA

Estabelecimento militar de saúde, referência para a capital paraibana, conhecida como a “Porta do Sol”, o Hospital de Guarnição de João Pessoa foi criado em 25 de outubro de 1995, proporcionando, atualmente, atendimento médico e odontológico em quase todas as especialidades, para cerca de 15.000 usuários das Forças Armadas.



RESUMO HISTÓRICO

O embrião do Hospital de Guaranição de João Pessoa (HGuJP), na Paraíba, surgiu em 1958, quando foi criado o Posto Médico do Comando do 1º Grupamento de Engenharia de Construção (1º Gpt E Cnst), que recebeu o nome do Marechal Médico **José Vieira Peixoto**. Apesar de ser “apenas” um Posto Médico, era dotado de Centro Cirúrgico e Maternidade, onde nasceram vários cidadãos pessoenses. Naquela época, também foi organizado o Serviço de Assistência Social (SAS), que vem sendo cada vez mais conceituado pela Força Terrestre, principalmente hoje, com o Programa de “Valorização da Vida”.

Em 1979, foi firmado o convênio com o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS). Devido a essa parceria, houve um crescimento significativo das especialidades e do movimento do Posto Médico, culminando por despertar a atenção do então Diretor de Saúde do Exército, para a necessidade de transformá-lo em hospital.

Foi assim que, por meio da Portaria Ministerial nº 076, de 25 de outubro de 1995, o então Ministro de Estado do Exército, **Zenildo Zoroastro de Lucena**, criou o HGuJP, vinculado administrativamente ao 1º Gpt E Cnst, com todos os seus profissionais oriundos dos quadros do Exército, passando a atender, prioritariamente, os militares da Guaranição de João Pessoa e mantendo convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS), apenas nas áreas de Radiologia, Ginecologia e Pediatria.

Em 29 de março de 1996, data de seu aniversário oficial, foi inaugurado o Hospital, que adquiriu autonomia administrativa em 1998.

ESTRUTURA ATUAL

Nesses 21 anos de vida, o HGuJP recebeu e continua a ostentar o título de “Hospital Amigo da Criança”, outorgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Atualmente, está para receber do Ministério da Saúde, o título de “Hospital Amigo da Mulher”, conforme a última visita de inspeção técnica, realizada em novembro de 2016.

É classificado, pela Diretoria de Saúde do Exército, como Hospital de Guaranição Tipo II, com capacidade para atendimento médico, odontológico e farmacêutico, nas especialidades básicas. Contudo, as demandas do seu dia a dia e o aumento significativo de seus usuários, hoje totalizando 14.500, do Exército, da Marinha

e da Aeronáutica, transformaram-no em um grande hospital, que conta com quase todas as especialidades médicas e odontológicas, além de exames laboratoriais e de imagem de expressiva importância. Passou a ser hospital de referência para a cidade, principalmente pelo elevado padrão técnico e científico de seus integrantes, servindo de atrativo para os profissionais de saúde das diversas áreas existentes: Medicina, Enfermagem, Odontologia, Farmácia e Bioquímica, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicologia, Nutrição e Assistência Social. Hoje, a maioria de seus 167 profissionais “de branco”, são oficiais e praças, temporários e voluntários, da Guaranição de João Pessoa.

O Sistema de Triagem Médica do HGuJP também é referência para o Exército Brasileiro. Implantado em 2015 e acompanhado de um agendamento de consultas “aberto”, sem filas de espera, vem servindo de base para novos modelos de atendimento médico-hospitalar, como o ABAS – Atendimento Básico de Saúde, que está sendo criado em Brasília. Uma equipe de profissionais médicos, psicólogos e assistentes sociais realiza o primeiro atendimento aos usuários, sob a forma humanizada de “acolhimento”, procurando entender as queixas e orientar os pacientes quanto ao rumo de seus tratamentos. A intenção é trazê-los de volta para os hospitais militares, pois, com o tempo, e pelas dificuldades de marcação de consultas, eles terminaram por evadir-se e passaram a ser acompanhados, clinicamente, por profissionais de saúde autônomos (PSA), ou procurado organizações civis de saúde (OCS). O segredo é conhecer os pacientes e evitar que desenvolvam patologias graves, ou aliviar as já existentes, impedindo que evoluam ao ponto de necessitarem de intervenções de maior porte. Graças ao trabalho desenvolvido no HGuJP, a resposta e a aceitação têm sido excelentes, e o Sistema vem recebendo 80% de aprovação e de satisfação por parte dos usuários.

O sucesso e o brilho alcançados pelo HGuJP são motivo de imenso orgulho. O lema do Hospital é: “curando algumas vezes, aliviando frequentemente e confortando sempre!”

Desse modo, será mantida sempre acesa a chama do espírito do Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, o General de Brigada Médico **João Severiano da Fonseca**:

“Amo as glórias da minha profissão, as únicas a que posso e devo aspirar. Nossos triunfos não os obtemos na praça pública diante da multidão que aplaude, mas lá na alcova secreta, onde geme a criatura”. 

HOMENAGEM AO CAPITÃO RIBAMAR JUVINO BANDEIRA NA 7ª REGIÃO MILITAR

RESUMO DA TRAJETÓRIA MILITAR-DESPORTIVA

Nascido no dia 30 de setembro de 1961, no município de Paulista, em Recife (PE), o Capitão Bandeira incorporou como recruta em 1980, no 7º Grupo de Artilharia de Campanha (7º GAC), sediado em Olinda (PE). No ano seguinte, engajou com a Qualificação Militar Rádio-Operador nessa mesma unidade.

Em 1982, disputou o Campeonato Mundial de Pentatlo Militar em Buenos Aires, Argentina. Em 1984, participou do Campeonato de Pentatlo Militar na Holanda, sagrando-se vice-campeão por equipes.

Após concluir o Curso de Infantaria da Escola de Sargentos das Armas, em Três Corações (MG), serviu nas seguintes organizações militares: 14º Batalhão de Infantaria Motorizado – Jaboatão dos Quararapes (PE), Comando de Fronteira do Solimões – 8º Batalhão de Infantaria de Selva – Tabatinga (AM), Companhia de Comando do Comando Militar do Nordeste – Recife (PE), Academia Militar das Agulhas Negras – Resende (RJ), 8ª Delegacia do Serviço Militar – Caruaru (PE), Comando Militar do Oeste – Campo Grande (MS) e 7ª Região Militar – Recife (PE).

Condecorado com a Medalha do Mérito Desportivo, em 1994, foi considerado o melhor pentatleta do mundo pela revista do Conselho Internacional do Desporto Militar. Em 2004, foi designado monitor de pentatlo militar nas Escolas de Formação das Forças Militares da Colômbia. Atualmente, serve no Comando da 7ª Região Militar, estando à disposição do Núcleo da Base Administrativa do Curado.

O Capitão Bandeira passará para a inatividade em 31 de julho de 2017.



PRINCIPAIS MARCAS DESPORTIVAS

- Cinco vezes campeão mundial por equipe em 1985, 1987, 1990, 1991 e 1994;
- Oito vezes campeão sul-americano individual;
- 20 vezes campeão brasileiro por equipe;
- Atual recordista sul-americano individual com 5.498,9 pontos, em 1985, e por equipe, com 21.661,7 pontos, em 1984; e
- É o atual recordista brasileiro das provas de tiro, com a marca de 199 pontos, em 1991, e lançamento de granadas, com a marca de 201,1 pontos, além de ser recordista por equipe, com um total de 21.936,8 pontos. 



AS MENINAS DO SISTEMA COLÉGIO MILITAR DO BRASIL

O Colégio Militar do Brasil, instituição centenária, com sólida tradição na arte de ensinar, proporciona educação nos níveis fundamental e médio para alunos e alunas dependentes de militares de carreira do Exército e aos capacitados em processo seletivo, em consonância com o Regulamento dos Colégios Militares.



Desde o início de sua criação, o Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) é reconhecido em diversos segmentos profissionais da sociedade pela excelência da formação educacional e moral, forjada nos valores do Exército Brasileiro (EB).

Trata-se de um Sistema de Ensino que reúne as diferentes realidades de um Brasil continental a um Projeto Pedagógico, garantindo a unidade e a qualidade da educação básica para cerca de 15.000 jovens cidadãos, integrantes da “Família Garança”. O Sistema é constituído por 13 Colégios Militares (CM), localizados em capitais ou grandes cidades do Brasil, e reflete a grandiosa colaboração da Força Terrestre na formação básica de crianças e jovens de nosso País.

Com o objetivo principal de dar assistência aos filhos dos militares, o SCMB embala, ao longo dos séculos, o sonho do Duque de **Caxias** e do Conselheiro **Thomaz Coelho**. Desde 1889, com a criação do Colégio Militar do Rio de Janeiro, até os dias de hoje, o SCMB, ao longo de seus 128 anos de existência, tem a sua importância reconhecida pelo culto que lhe prestam e pela memória que seus ex-alunos cultivam.

Um acontecimento certamente se destaca: o ingresso das alunas nos bancos do ensino preparatório e assistencial. Na década de 1980, o cenário brasileiro revelava uma preocupação com o papel profissional da mulher e o espaço por ela ocupado. Assim, em um momento de efervescência, o EB, por intermédio do então Departamento de Ensino e Pesquisa, hoje Departamento de Educação e Cultura do Exército

(DECEX), resolveu transformar em misto o corpo discente dos CM, destinando, à época, 30% de suas vagas para o sexo feminino. Essa medida colaborou com a expansão da busca por igualdade e oportunidades para o segmento feminino na sociedade brasileira e na educação militar.

Em 1989, deu-se a entrada efetiva das alunas nos CM: do Rio de Janeiro (CMRJ), de Brasília (CMB), de Porto Alegre (CMPA), de Manaus (CMM) e de Fortaleza (CMF). A partir desse momento, esses Colégios não foram mais os mesmos. A delicadeza, a sensibilidade, a astúcia e a perspicácia das meninas passaram a conviver no mesmo espaço, antes habitado apenas pelos meninos.

Devido à chegada das alunas, várias mudanças foram implementadas, dentre elas a alteração do uniforme. Foi necessário, também, mesclar o corpo docente, trazendo mais profissionais do sexo feminino para o trato com as meninas. Muitas alunas passaram a alcançar o posto de Coronel-Aluna, e, com isso, comandar o Batalhão Escolar, tornando-se destaque entre os alunos.

Ao longo dos anos, o quantitativo de alunas foi ampliado e, atualmente, representa 48% do efetivo. Hoje, o SCMB orgulha-se de ter, em seu rol de ex-alunas, mulheres inteligentes e batalhadoras, que ocupam lugares expressivos dentro da sociedade: médicas, advogadas, jornalistas, militares, professoras, engenheiras, pilotos, dentre outras. O SCMB não seria o que é hoje sem a presença de suas alunas.

Quantitativo de meninas nos Colégios Militares

CM	Total de alunas	Coronel-Aluno 2017	Total de alunos(as)	Percentual
CMBH*	291	MASCULINO	568	
CMB	1.241	MASCULINO	2.632	
CMCG	440	MASCULINO	917	
CMC*	471	MASCULINO	898	
CMF	347	MASCULINO	786	
CMJF	437	MASCULINO	889	
CMM	437	FEMININO	938	
CMPA	450	FEMININO	990	48% SEG FEMININO
CMR	358	MASCULINO	798	
CMRJ	824	FEMININO	1.698	
CMS	334	FEMININO	741	
CMSM	381	MASCULINO	790	
CMBEL	71	-	153	
SCMB (presencial)	6.082	4 FEMININOS / 8 MASCULINOS	12.798	
EAD - CMM*	273	-	504	54% SEG FEMININO

data base 28 abr 17

Nota: * mais meninas que meninos

EsPCEX: No concurso 2016-2017, das 40 vagas para o segmento feminino, 16 foram ocupadas por ex-alunas dos CM.



COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

Em 1853, o Marquês de **Caxias**, Senador do Império, tentava aprovar o projeto que criava um Colégio Militar.

“É preciso lançar suas vistas paternas em benefício dos que morreram ou se inutilizaram nos campos de batalha, defendendo a honra militar, as instituições e os sagrados direitos”.

As palavras de **Caxias** ecoaram após o término da Guerra da Tríplice Aliança e o Exército solicitou ao Governo uma recompensa, com a expectativa otimista de um mundo melhor desde o pós-guerra.

Um sentimento humanitário fez surgir uma campanha popular que se desenvolveu na corte e nas províncias. Nesse contexto foi criado, em 1889, o Imperial Colégio Militar, por um decreto assinado pelo Conselheiro e Ministro da Guerra **Thomaz José Coelho de Almeida** e com a rubrica do Imperador.

No ano do centenário, foi admitida a primeira turma feminina, selecionada por meio de concurso público. Várias alunas destacaram-se no decorrer dos anos e também após deixarem a secular Casa de Thomaz Coelho.



Capitão Fernanda Menna Barreto

Ex-aluna do CMPA, foi aprovada no concurso público da Escola de Formação Complementar do Exército e, atualmente, é professora de língua inglesa no CMRJ. Pertence a uma família tradicional do EB, com militares nas últimas sete gerações, inclusive com participação na Guerra da Tríplice Aliança.



Capitão Gabriela Rocha Bernardes

Ex-aluna do CMRJ, formada em Comunicação Social, é neta e filha de militares. Em 2004, prestou o primeiro concurso no qual o EB abriu vagas para todas as habilitações da Comunicação, formando-se na Escola de Formação Complementar do Exército como a primeira jornalista de carreira da Instituição. Atualmente, a Capitão **Gabriela** é a coordenadora dos Cursos de Comunicação Social para oficiais e praças do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, além de ter feito a cobertura de diversas atividades do EB no Brasil e no exterior.

Ex-aluna Letícia Cardoso

A Revista “A Aspiração”, em sua edição de dezembro de 2014, traz a matéria “Alunas-Destaque no Jubileu de Prata da Entrada da 1ª Turma de Meninas no CMRJ”, e destaca a Aluna **Letícia Cardoso**, que alcançou o posto de Coronel-Aluna. Ela conquistou o Prêmio **Thomaz Coelho** e o título inédito de primeira aluna a adquirir o direito de ingressar no *Phanteon* Literário, como a 14ª integrante de um seleto grupo de alunos. Passou para a História como a primeira integrante do sexo feminino a alcançar esse feito. Foi aprovada na UFRJ para o curso de Engenharia.



Coronel-Aluna **Saskia Barreto de Almeida**

Filha de um economista e de uma psicóloga, ingressou no CM em 2010, por meio do Concurso de Admissão. Ao descobrir que o colégio recompensava os alunos que se destacavam em seus estudos, motivou-se mais ainda para que alcançasse seus objetivos. Sete anos após ter entrado pelo portão principal do CMRJ, assumiu o Comando do Batalhão Escolar, por ter sido promovida ao posto de Coronel-Aluna.



COLÉGIO MILITAR DE SANTA MARIA

O Colégio Militar de Santa Maria (CMSM), “Colégio do Vagão”, foi fundado em 22 de março de 1994, porém as suas instalações definitivas foram inauguradas somente em 19 de novembro de 1998.

O primeiro concurso de admissão foi aplicado a 1.236 candidatos, dos quais 85 foram aprovados para ingresso nas 5ª e 6ª séries do primeiro grau. Assim, começou a primeira turma do CMSM, composta por alunos concursados e alunos amparados, isto é, dependentes de militares que serviam na guarnição de Santa Maria e cidades do interior do estado.

Por ser um dos Colégios mais novos do Sistema, o ingresso de meninas ocorreu juntamente com o de meninos desde a primeira turma. A história das mulheres obteve maior destaque com a primeira Coronel-Aluna **Vanessa Vinderfeltes Padilha**, comandante do Batalhão Escolar de 2 dezembro de 2000 a 28 de novembro de 2001. Sua sucessora foi a aluna **Milena Maria de Alencar Oliveira**, por sua vez substituída por **Andressa Rissetti Paim**.

Depois de um intervalo de dois Coronéis-Alunos, as meninas retomaram a frente do Batalhão Escolar por nove anos consecutivos, com as seguintes Coronéis-Alunas: **Carina Gaelzer Silva Torres**, **Kamila Ramborger Goulart**, **Fernanda Graebin Mendonça**, **Mariusia Comoretto Gall Filha**, **Leticia de Jesus Rossato**, **Rafaella G Grasel**, **Maria Luisa Michelin Silveira**, **Caroline Lopes dos Santos** e **Andressa Duarte Seehaber**.

O Batalhão Escolar não é comandado por alunas desde 2013, mas elas continuam se destacando em diversas modalidades de ensino, particularmente recebendo excelentes notas e trazendo, dessa forma, o reconhecimento por meio do recebimento de alamares.



Coronel-Aluna **Vanessa Vinderfeltes Padilha** (Primeira Coronel-Aluna do CMSM)

“Mediante concurso, ingressei com a turma pioneira na 5ª série. Eu não tinha noção do que era e mal sabia do futuro que o CMSM me ofereceria! Formaturas e aulas ocorriam de manhã e qualquer outra atividade com os colegas era desculpa para ficar no colégio. No coração, meu sangue pulsava alegremente. Particpei da equipe de basquete e atletismo do colégio e, por meio do esporte, interagíamos com os outros CM. Integrei a legião de honra, guarda-bandeira, bandeiras históricas, até chegar à Coronel-Aluna. Monitores, professores, colegas, soldados e oficiais, todos faziam meus dias perfeitos. Era um mundo à parte: diferenciado, justo e organizado. Foi meu caminho para chegar onde estou, feliz e realizada. Agradeço muito a todos que fizeram parte dessa história, principalmente quem a fez possível: minha Mãe.”



Coronel-Aluna Mariusa Comoretto Gall

“Os melhores sete anos da minha vida! Essa frase resume o sentimento de pertencer à “Família Garança”. Ingressei nela em 2002, admirando os alunos do Ensino Médio nas formaturas e em outras atividades. Em 2008, encerrei os meus estudos no CMSM e fui aprovada nos concursos da AFA, UFRGS e UFSM. Aprendi, nessa curta e saudosa jornada, a importância da amizade, da dedicação e do respeito ao próximo. Hoje, como 1º Tenente da Força Aérea tenho a certeza de que todos ajudaram a formar a mulher e a profissional que sou e, por isso, só tenho a agradecer”.

Jornalista Alice Bianchini Pavanello

“Quando entrei no CMJF, vinha de uma escola particular em Santiago (RS). Logo percebi que precisaria dedicar mais algumas horas aos livros, para conseguir ter sucesso por ali. Em 2001, vim para o CMSM, onde concluí o Ensino Médio. Com orgulho, tenho lembranças dos professores que, com dedicação, ensinavam mais do que conteúdos: passavam valores e princípios. Também aprendi que um pouco de disciplina faz bem e que o respeito é fundamental. Formei-me jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria e, desde então, tenho realizado inúmeros trabalhos.”



Arquiteta Ana Caroline Fagundes de Farias

“Minha experiência no querido “Colégio do Vagão” é de orgulho e de reconhecimento. Reconhecimento por ter estudado numa instituição que era a extensão da minha casa, pois valores como respeito, responsabilidade, disciplina, honestidade e lealdade sempre estiveram muito presentes nos ensinamentos repassados pelos meus pais e avós. Orgulho por saber que estudei no melhor Colégio de Santa Maria e que ali trabalhavam profissionais dedicados na matéria de moldar o nosso perfil. Em se tratando da inserção de meninas no quadro de alunos dos CM, penso que foi uma oportunidade para nós mulheres vivenciarmos, embora dentro de um colégio, os valores do EB. Fico feliz em saber da inserção desse segmento na Escola Preparatória de Cadetes do Exército. Escolhi ser arquiteta por vocação. O CMSM me traz lembranças inesquecíveis, que nunca irão caber numa folha de papel, mas ficarão armazenadas em meu coração. Carinho e gratidão são palavras com as quais encerro essa singela homenagem a ti CMSM. Zum Zaravalho...”

3º Sargento FAB Doralice Gaia Comoretto Gall Gomes

“Em 2004, o meu ingresso no CMSM foi a realização de um sonho, que surgiu na época de plateia dos desfiles de 7 de setembro, onde o CM sempre foi destaque. Ao receber a tão esperada Boina Garança, fui de plateia à personagem dos lindos desfiles. Soube, então, o orgulho que é vestir uma farda e representar os valores de uma instituição. Foram sete anos de estudo e dedicação, sob os olhares atentos dos professores, até a almejada aprovação na UFSM, embora ainda tivesse vontade de voltar a pertencer ao meio militar. Em 2013, ingressei na EEAR e me tornei 3º Sargento da FAB, especialista em controle de tráfego aéreo. Tenho muito orgulho de ter pertencido a essa família.”





COLÉGIO MILITAR DE JUIZ DE FORA

Desde o seu início, em 6 de fevereiro de 1995, o Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF) contou com a presença de alunas em seu efetivo. A Capitão QCO **Renata Aguiar da Silva**, professora de matemática do 3º Ano do Ensino Médio e coordenadora do Clube de Matemática, faz parte dessa história. Em 1996, ingressou por concurso na segunda turma de pioneiros do CMJF e, após ter feito sua graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora, ingressou na Escola de Formação Complementar do Exército. A experiência de ter vivido no CM foi fundamental nessa escolha.

Em 2016, foi a professora responsável pela orientação, organização e preparo dos alunos do Ensino Médio para a Olimpíada Internacional de Matemática sem Fronteiras, que levou sete alunos do CMJF à Índia. Sob sua orientação, a equipe obteve o 2º lugar geral da competição internacional “Quanta”, projetando o nome dos CM e do EB para o mundo no campo da matemática, da lógica e das ciências.

Para dar continuidade a essa história de sucesso, e por acreditar na Instituição, a Cap



Renata escolheu o CM como escola de educação para suas filhas **Júlia Aguiar**, formada em 2016 e aprovada em Medicina Veterinária na UFJF, e **Luiza Aguiar**, aluna do 7º ano.

Ao longo dos 23 anos de criação do CMJF, as meninas tiveram presença marcante: dos 22 coronéis-alunos, 15 são meninas, sendo que o primeiro comandante do Batalhão Escolar foi a Aluna **Aline Oliveira da Silva**.



COLÉGIO MILITAR DE CURITIBA

No decorrer da caminhada do SCMB, destaca-se o ano de 1995, quando, ao admitir o ingresso de meninas no seu Corpo Discente, foi quebrado o longo paradigma de ser composto por turmas tipicamente masculinas. Concomitantemente, o Colégio Militar de Curitiba (CMC) reabria os seus portões, após uma paralização de seis anos.

A constituição do Batalhão Escolar teve como premissa um efetivo total de 700 vagas das quais 210 foram destinadas àquelas jovens pioneiras, que desde o início demonstraram a sua força. A Aluna **Graciele Viccini** foi a primeira colocada no Concurso de Admissão, conquistando o privilégio de conduzir o estandarte do Colégio. Já em 1997, **Danielle Nogueira Mota** seria promovida à Coronel-Aluna, alcançando a mais alta distinção escolar de comandar o Corpo de Alunos, coroando de êxito a participação daquela primeira turma do segmento feminino, que se formaria naquele mesmo ano.

Tal sentimento fica claro pelo depoimento colhido de um grupo dessas precursoras, que



atestaram a enorme satisfação de ter feito parte da primeira turma de meninas. No reencontro, após 20 anos, estavam **Anna Paula L. Michelz de Oliveira**, **Graciele Isaka**, **Rafaella Suzin e Raquel Gaio**, **Tatiane Vitolas Rohn**, **Ludmila Medeiros Marinho**, **Alessandra Buy Pietro**, **Jaqueline Kropzak Schmoeller e Teli Telma**.

A inserção recente de meninas na ESPCEX tornou o CMC um estímulo a mais às jovens que desejam ingressar em uma carreira militar.



Primeira Turma de Meninas:

“Após tantos anos, tudo o que vivemos naquele período está incrivelmente fresco na memória de cada uma de nós. Basta fechar os olhos para nos transportarmos para o ano de 1995 e lembrarmos da entrada pelo portão principal: a primeira continência, a primeira formatura, a primeira aula, as primeiras provas...nós, da primeira turma de alunas do CMC, não tínhamos a noção completa do que realmente isso significava, mas tínhamos, sem dúvida, uma enorme satisfação em fazer parte da primeira turma de meninas. Hoje, fazemos questão de agradecer a todos os profissionais, militares e civis, pelo acolhimento e pela sabedoria transmitida a cada uma de nós. Sabemos o quanto a experiência vivida no CMC foi e ainda é importante para nós.”

Segundo a Professora de Língua Inglesa **Rochele Maria Branco de Souza**, as meninas, que em 1995 eram minoria, apresentavam bastante entusiasmo, tanto nos estudos como nas diversas funções desempenhadas, tendo, inclusive, como comandante de turma, uma Coronel-Aluna, que hoje é juíza federal. Ela conta, com vibração, que muitas meninas daquela época encantaram-se pela carreira militar e ingressaram nas Forças Armadas, Polícias Militares, Corpo de Bombeiros, entre outras.



Aluna Maria Lúcia Ferreira Rodrigues

“O ano de 1958 significou um marco na educação em Curitiba (PR). Nesse ano, foi implantado na cidade o CMC que, desde a sua criação, distinguiu-se dos demais, por cultivar os princípios de Pátria, honra, dever e disciplina. A sua reabertura, em 1994, contou, não apenas com a presença masculina, mas também com a feminina; um passo decisivo no sistema. As oportunidades, que até então eram restritas a um gênero, tornar-se-iam igualitárias. O CMC é nitidamente distinto. O diferencial está, principalmente, no manejo educacional, pois não é uma educação apenas de sala de aula, mas moral e virtuosa, que vem apresentando destaque desde sua criação. A integração feminina no batalhão escolar trouxe muitas consequências positivas. Durante os anos, diversas meninas conseguiram demonstrar o seu potencial, sendo reconhecidas tanto no âmbito acadêmico quanto no esportivo. A inserção recente de meninas na EsPCEx tornou o CMC um estímulo a mais às jovens que desejavam ingressar em uma carreira militar. No CMC, tive a oportunidade de entrar em contato com o Exército, fui graduada, ganhei o alamar, comandeí grupamentos, consegui realizar o sonho de fazer equitação, conquistei amizades, mas, acima de tudo, consegui ingressar em um colégio que possui a educação como prioridade, cultivando valores que serão mantidos durante toda a vida.”



COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

Em 23 de janeiro de 1978, foi decretada a criação do Colégio Militar de Brasília (CMB), com sede na Capital Federal. Instalado em 1º de setembro de 1978, iniciou as suas atividades de ensino em 5 de março de 1979 e, como os demais colégios do SCMB, tinha o objetivo de educar meninos e prepará-los para a carreira das Armas e para a vida.

Em 1988, a primeira turma mista foi constituída por 50 meninas da 5ª série do ensino fundamental, atual 6º ano, de um efetivo total que, na época, era em torno de 2.000 alunos.

A presença feminina acabou funcionando como um elemento moderador e amenizador do comportamento dos alunos. Na verdade, parte da rotina alterou-se ao ser introduzida a presença feminina no CMB. Preocupações que antes não existiam, como o namoro, passaram a fazer parte da nova realidade.

O mais interessante ao relembrar essas histórias é encontrar, em todos os relatos, traços marcantes da sociedade da época, espelhados no ambiente escolar, e perceber como a escola evolui junto com a sociedade.

Doutora **Flávia Dias Xavier**

Coronel-Aluna em 1997, em 1992, ingressou no CMB porque seu pai, que é militar, estava com dificuldades financeiras para mantê-la em uma escola particular. Logo adaptou-se à rotina diferente do colégio. A convivência com os alunos era boa e não existia nenhuma competição pelo fato de “ser mulher”, mas as meninas queriam conquistar notas melhores.

“Eu não entrei como primeiro lugar, mas terminei como primeiro lugar. Eu só consigo me lembrar de coisas boas. Há duas ou três semanas, junto com a minha cunhada, que também é ex-aluna do CMB, nos recordamos da canção do colégio e a cantamos”, relata a ex-aluna.

Flávia ainda contou que a organização, a disciplina e os valores desenvolvidos ajudaram em sua carreira: *“Essa coisa do civismo, do amor à Pátria, isso fica!”*



Aluna **Nayara**

Cursa hoje o segundo ano do ensino médio.

Ingressou no CMB quando seu pai veio transferido para Brasília. Ficou sabendo da existência do colégio pela conversa com uma amiga que já era aluna. Achava que o Colégio era muito rígido, mas, com o passar do tempo, viu que não era assim:

“Existiam regras, mas isso é normal”.

Sobre a importância de estudar no CMB, ela é firme em responder que agora sabe do valor que os alunos dão ao colégio e o peso que isso terá em seu currículo futuramente.



COLÉGIO MILITAR DE CAMPO GRANDE

Empresária **Ieda Blós Portela**

Em 1995, fez parte da turma pioneira e ingressou no CMCG por influência de sua mãe que é militar, atualmente na reserva. Em sua visão, acha que na sua época existia maior rigidez nas regras a serem seguidas.

Hoje, possui um filho, aluno do CMCG, que está encantado com o colégio e que segue à risca o padrão estabelecido. Tem orgulho de ser ex-aluna e considera que a disciplina e a ordem fortaleceram o seu caráter. Possui formação superior em Administração de Empresas e cursa Pedagogia.



Advogada **Jaqueline Júlio Junges**

Fez parte da turma pioneira e ingressou no CMCG por influência de seu pai, que tinha certeza da qualidade do ensino. Considera que o CM foi imprescindível para a sua formação pessoal e profissional. Formada em Direito, passou no concurso da INFRAERO, chegando à Gerente de Operações e Segurança do Aeroporto de Campo Grande.

Perita **Marcelly Almeida Lima**

Fez parte da turma pioneira e ingressou no CMCG mediante concurso. Imaginava que seria um ótimo local para ter uma qualidade melhor de ensino, pois, até então, estudava em colégio da rede estadual, mais especificamente aquele situado em frente ao CMCG. Seus pais passavam por dificuldades financeiras, não tendo condições de arcar com os custos de um colégio particular. Como filha única, com sucesso profissional, pode hoje cuidar de seus pais.

A diferença que vê entre os atuais alunos e aqueles de sua época é o tipo de educação dada no seio da família, ou seja, os valores transmitidos pelos pais ou responsáveis. Atualmente, percebe-se que grande parte das famílias: transfere a responsabilidade da educação dos filhos para o colégio; se interessa menos pelo dia a dia dos seus filhos; quer ver resultados no boletim, mas sem se esforçar suficiente e satisfatoriamente para incentivar os pequenos. *“O que sou, o que conquistei e o que ainda tenho para conquistar devo ao CMCG e a meus pais”.* **Marcelly** é formada em Química, pela UFMS. Exerce o cargo de Perita Oficial Forense da Polícia Civil de MS, como Perita Criminal. Foi aprovada em vários vestibulares em universidades públicas, tais como História, Economia e Administração. Atualmente cursa o sexto semestre de Direito na UFMS.



COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

O tempo passou. Nesses 23 anos no Colégio Militar de Salvador (CMS), as meninas souberam cultivar o legado das pioneiras de 1994. Em 1997, no pátio do Colégio, ouvia-se uma voz feminina que firmemente ecoava: *“Batalhão Escolar a meu comando”*. Era a voz de **Jovita da Silva Araújo**, a primeira moça a comandar no CMS.

Depois da Coronel-Aluna **Jovita**, foram seis anos consecutivos de presença feminina à frente

do Batalhão Escolar, mostrando a firme decisão de ganhar um espaço e mostrar competência sem perder a doçura.

Nesses últimos anos, moças e rapazes se revezam na liderança escolar, nos ensinando que a capacidade de aprender não tem sexo, pois é dos dedicados, disciplinados e persistentes.

Atualmente, quem nos dá esse exemplo de tenacidade é a Coronel-Aluna **Ingrid Lima**.

Coronel-Aluna Ingrid Lima

"Ingressei no CMS em 2011. O Colégio tem grande influência na minha formação, pois sempre se preocupa com o desenvolvimento integral do indivíduo: intelectual, físico e social. Assim, não aprendi somente as matérias básicas, mas também a importância da prática de esportes, a disciplina e os valores que não são ensinados em quase nenhum outro lugar. Foi a combinação de muitas horas de estudo, sem deixar de lado os esportes; a busca em aprender sempre mais, além daquilo que foi ensinado; e a participação ativa nas atividades escolares que me tornaram Coronel-Aluna. Ser mulher e ter uma posição de destaque numa conjuntura que, por muito tempo, foi masculina, me preocupou no início, mas a "Família Garança" mostrou-se incrivelmente acolhedora nesse aspecto, tratando-me com respeito e admiração pelo meu empenho, independentemente de eu ser mulher. Pretendo seguir carreira militar e ingressar na EsPCEX no ano que vem. Nesse aspecto, o CMS teve grande influência, pois me mostrou como é a rotina dessa profissão e seus vários ramos. O momento decisivo ocorreu nos Jogos da Amizade realizados na AMAN, em 2015, quando pude conhecer a vida militar além dos muros do Colégio e soube que era aquilo que eu queria para a minha vida."



Ex-aluna Maíra Galindo

Capitão da Polícia Militar do Estado da Bahia

"O ingresso no Colégio Militar de Salvador (CMS), em 1994, foi uma grande descoberta. Foi a reabertura do Colégio. Todos nós, cerca de 90 alunos assustados, fomos recebidos, sem distinção, com muito amor, disciplina e cuidado. Havia militares de todas as Forças para nos receber."

A 1º Sargento PM Rosemary pertencia ao quadro de monitores e, recentemente, a reencontrei nas fileiras da corporação da qual, hoje, faço parte. Sou oriunda de família humilde, mas com valores fortes. Encontrei no Colégio um ambiente propício ao meu crescimento. Embora tenha sido o primeiro contato de toda a minha família com o militarismo, adaptei-me com muita facilidade e sou extremamente grata por tudo que lá vivenciei. No CMS, encontrei mais do que formação escolar. Encontrei espaço para me desenvolver com segurança. Vivenciei as etapas da adolescência, como todos, mas tinha um acompanhamento bem similar ao que tinha em casa. Assim, quando me formei, queria seguir o militarismo e não tinha dúvidas disso. O Exército ainda não acolhia mulheres oriundas do Colégio, então prestei concurso para Oficial da Polícia Militar da Bahia e ingressei como primeira colocada. Hoje, eu e meus três irmãos somos militares bem sucedidos e a influência do CMS foi inegável nessa conquista. Hoje, figuro como a primeira policial militar feminina a romper os ares baianos, pilotando um helicóptero. Disso tudo, a minha maior lição foi contribuir com a força feminina no campo de batalha, afinal, a mulher é, por definição, uma guerreira."





COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE

1º Tenente **Janaína Guerra** – Aluna pioneira (1989)

Quando fui aprovada no Concurso de Admissão, num primeiro momento eu só pensava em como seria me afastar dos amigos do Colégio Marista. Felizmente, o ambiente acolhedor do Colégio Militar de Porto Alegre surpreendeu-me positivamente. O fato de ingressar mediante concurso despertou em mim grande orgulho!

Pertencer à primeira turma que admitiu o segmento feminino criou em mim uma grande expectativa e um pouco de insegurança, afinal, como seríamos tratadas num ambiente masculino?

“O Colégio dos Presidentes”, foi preponderante na minha tomada de decisão pela carreira militar. Sob as arcadas daquele Colégio, desenvolvi importantes atributos, como a disciplina, a lealdade e a camaradagem. Nenhum, porém, foi maior do que a vontade de servir à Pátria. Muito incentivada e inspirada pelo meu pai, o Sargento **Guerra**, participei do processo seletivo e, mais uma vez, logrei êxito, ingressando na Força como Oficial Técnica Temporária de Comunicação Social.

Após retornar ao Exército, o sentimento de gratidão passa a permear minha trajetória de maneira latente e definitiva. Num primeiro momento, possibilitou-me a subsistência e a educação, posteriormente, permitiu-me constituir minha família. Foi no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre, Organização



Militar de Ensino Técnico na qual fui declarada Aspirante a Oficial, que conheci meu esposo. De nossa união, nasceu **Joana Maria**, quem sabe, futura aluna do Sistema Colégio Militar do Brasil.

O grande final dessa trajetória de disciplina, dedicação e camaradagem está próximo e acontecerá onde jamais aquela jovem pioneira imaginou chegar, desde seus mais remotos tempos de aluna e até mesmo de oficial. Farei minhas despedidas ao EB no Departamento de Educação e Cultura do Exército, de onde partirei munida das melhores lembranças, dos exemplos, do aprendizado colhido e compilado ao longo de tantos anos, do tanto que servi, e que me farão, a partir de agora, seguir adiante.



COLÉGIO MILITAR DO RECIFE

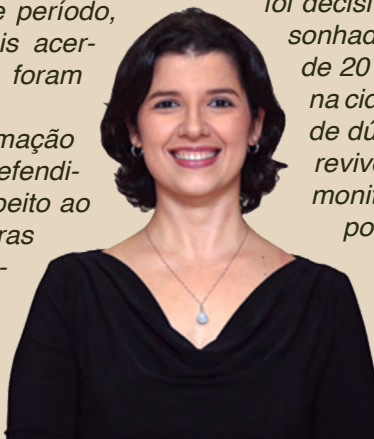
Juíza **Lídia Almeida Pinheiro Teles**
Coronel-Aluna em 2002

Em 1995, fui aprovada em dois concursos: para o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e para o Colégio Militar do Recife (CMR), que, pela primeira vez, abriria suas portas para as meninas.

Optei pelo CM por influência dos meus pais, mas hoje, refletindo sobre aquele período, considero que foi a decisão mais acertada, pois todas as expectativas foram atendidas.

Quanto aos valores, minha formação foi consolidada pelos preceitos defendidos pelo Exército, tais como: respeito ao próximo, ética em todas as esferas sociais, companheirismo, patriotismo, dentre outros. As amizades ali iniciadas perduram até hoje, como de irmãos.

Quanto ao ensino, fui a segunda dos três únicos alunos



da história do CMR a fazer parte do Pantheon de Honra. Nunca, entretanto, estudei com esse objetivo. Considero apenas como uma consequência de minha paixão pelo estudo. Contudo, não posso negar que tal fato me encheu de alegria, principalmente por ser a única representante feminina.

A formação de excelência adquirida no CMR foi decisiva para que eu pudesse ingressar na sonhada Faculdade de Direito da UFPE. Desde 2012, exerço a Magistratura do Trabalho na cidade do Recife. Até hoje, em momentos de dúvidas para conduzir minhas decisões, revivo o precioso auxílio dos professores e monitores do CM aliado à educação dada por meus amados progenitores.

Por tudo isso, agradeço a Deus pela oportunidade de ter feito parte da história do CMR e rogo para que meus filhos possam também, um dia, integrar tão honrosa Instituição.



O PORTFÓLIO ESTRATÉGICO DO EXÉRCITO



O EB gerencia os atuais Programas Estratégicos (PgEE), por meio do Escritório de Projetos do Exército (EPEX), com equipes específicas. Atualmente, o Estado-Maior do Exército (EME) conduz, por intermédio do EPEX, uma mudança significativa no gerenciamento do Portfólio Estratégico do Exército, com a implantação de uma nova metodologia.

Desde o ano de 2012, sem referências anteriores e de forma inédita, o EPEX passou a executar o gerenciamento de projetos estratégicos apoiado na metodologia preconizada nas Normas para Elaboração, Gerenciamento e Acompanhamento de Projetos no Exército Brasileiro (NEGAPEB), que é fundamentada no Guia PMBOK – PMI, o qual se constitui numa compilação das melhores práticas catalogadas sobre gestão de projetos, caracterizando-se como um documento de referência internacional sobre o tema.

Depois de algum tempo, o EPEX acumulou maturidade para diagnosticar a necessidade de mudanças no gerenciamento dos Projetos Estratégicos do Exército (PEE). Era possível constatar a eficiência e eficácia dos PEE, mas,

no nível estratégico, a efetividade reveste-se de uma significativa complexidade para ser obtida, particularmente quando as iniciativas caracterizam-se por um horizonte temporal prolongado e constituem-se de produtos com alto valor agregado, na quase totalidade com tecnologias sensíveis, fatos estes que ratificaram a importância de aprimorar as ferramentas de gestão.

O mapeamento dos então PEE e o estudo aprofundado do referencial teórico existente permitiram concluir que se impunham alterações na gestão e classificação dos PEE.

Constatou-se que, na realidade, no nível estratégico, o Exército possui um portfólio, subportfólios, programas e projetos.

Não se trata de simples inserção de neologismos às normas da Força ou mera mudança semântica de termos utilizados no ambiente corporativo. Os escopos dos então PEE caracterizavam-se por elementos que sugeriam a existência de programas, ao invés de projetos.

Resumidamente, o quadro a seguir apresenta algumas das diferenças entre portfólio, programas e projetos:



Os resultados obtidos com os PgEE, ao gerar novas capacidades, permitirão, conforme o planejamento estratégico, a transformação do Exército, e benefícios relevantes para a sociedade e para a defesa do Estado. A reunião dos programas em questão resulta na existência de um portfólio que guarda estreita ligação com os objetivos estratégicos da Força.

Nesse contexto, a partir de uma análise executada em 2016, concluiu-se que havia necessidade das seguintes providências:

- elaboração de uma normativa para definir processos e objetivos da gestão de Programas Estratégicos e do Portfólio Estratégico do Exército. Esse objetivo já foi alcançado com a aprovação pelo Comandante do Exército, em 30 de janeiro de 2017, das Normas para Elaboração, Gerenciamento e Acompanhamento do Portfólio e dos Programas Estratégicos do Exército Brasileiro (NEGAPORT – EB);
- um planejamento com detalhado cronograma de transformação dos projetos em programas

estratégicos. No bojo desse planejamento, está definida uma Memória de Transformação de cada PEE, com o respectivo Estudo de Viabilidade, que permita a continuidade dos projetos em programas, com uma reavaliação dos escopos. Para tanto, todos os PEE deverão planejar por módulos de capacidades e observar as imposições da racionalização definidas pelo Comando do Exército;

– a capacitação de recursos humanos para que as equipes de gerenciamento entendam a nova metodologia e o planejamento da transição dos PEE em PgEE; e

– uma adequação do organograma do EPEX para que possa abranger uma estrutura e processos que permitam uma efetiva gestão do Portfólio Estratégico do Exército. Para tanto, com o apoio do Escritório de Processos do Exército, houve um mapeamento de todos os processos do EPEX, definindo-se uma nova cadeia de valor agregado do EPEX:



Como resultado das análises realizadas e fundamentadas na nova metodologia – as NEGAPORT/EB, o Estado-Maior do Exército, sob a coordenação do EPEX e com a participação dos Órgãos de Direção Setorial (ODS) e Operacional (ODOp), além dos Comandos Militares de Área, definiu a estrutura do Portfólio Estratégico do Exército, conforme figura abaixo.

Definido o portfólio, os subportfólios, os programas e o projeto, a fase atual é de implantação. Em 2017, todos os Programas Estratégicos realizam a reavaliação dos seus escopos e providenciam os documentos preconizados nas NEGAPORT – EB, cumprindo o planejamento estabelecido em Ordem de Serviço do Estado-Maior do Exército. Em janeiro de 2018, os PgEE serão

executados com o apoio do *software* – GPEX – versão que contemple, ainda que experimentalmente, módulos de monitoramento de programas e do portfólio.

As mudanças em curso permitem afirmar que o Exército inseriu-se no seleto grupo de instituições que possuem uma metodologia própria de planejamento e gerenciamento de suas iniciativas estratégicas. A definição de um portfólio e dos programas estratégicos, fundamentados numa metodologia com um fim específico (*ad hoc*), permitirá que a Força alcance os objetivos de mais alto nível e entregue para a sociedade os benefícios previstos nos marcos legais que regulam a defesa do Estado Brasileiro. 





PONTE RIO-NITERÓI e

Traço de união entre dois Estados, orgulho da engenharia nacional e catalizadora de profundas mudanças políticas, econômicas e sociais, a Ponte Presidente Costa e Silva, popularmente conhecida como Ponte Rio-Niterói, revelou mais um aspecto da participação do Exército no desenvolvimento do Brasil.

Artigo publicado no “Verde-Olive” nº 6 / 1974.

Subordinada ao Departamento de Engenharia e Comunicações (DEC), a Diretoria de Serviço Geográfico (DSG) contribui com seus quadros de engenheiros geógrafos e topógrafos para o mapeamento do País, por meio da confecção de cartas nas escalas de 1:50.000 e 1:10.000, e vem prestando relevantes serviços à Nação, graças a convênios com órgãos federais, estaduais e municipais.

Dentre os convênios executados pela DSG, destacou-se o firmado com o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), em maio de 1968, renovado, anualmente, até dezembro de 1973, com vistas à construção da Ponte Rio-Niterói. O convênio buscou atingir os seguintes objetivos:

- implantação da triangulação geodésica básica;
- levantamento na escala 1:1.000, com equidistância de um metro dos locais necessários para a definição das tangentes e trevos de acesso à Ponte, no Rio e em Niterói, numa área total aproximada de 4,5 km²;
- locação definitiva dos pontos de sondagem na terra e no mar;
- nivelamento geodésico (geométrico de alta precisão ou trigonométrico);
- locação definitiva dos pilares de terra e mar; e
- relocação de pilares, cotas de pontos e verificação de diretrizes.

Com a finalidade de atender aos trabalhos constantes do convênio DSG-DNER, foi criada a Comissão Especial de Locação da Ponte (COSELP), por onde passaram vários oficiais engenheiros geógrafos, com a responsabilidade de chefia, e vários oficiais e sargentos topógrafos encarregados dos trabalhos no mar e em terra, como operadores de campo e gabinete, além dos serviços de administração.

A sede da COSELP ficou localizada na Ilha do Fundão, no canteiro de obras da Empresa de Construção e Exploração S/A (ECEX S/A) da Ponte Rio-Niterói, junto às demais firmas que constituíam o grande complexo construtor dessa obra de arte da BR-101.

A BR-101, que liga a cidade de Osório (RS) a Natal (RN), além de estabelecer uma ligação rodoviária contínua entre o extremo Sul e o Nordeste do País, permitiu o tráfego direto entre o Rio e Niterói, concorrendo para o desenvolvimento socioeconômico da região.

Com a mudança da DSG para Brasília, no início de 1973, a COSELP passou à subordinação do Centro de Operações Cartográficas, a mais nova Unidade Cartográfica do Exército, que ocupou as antigas instalações da DSG, no Morro da Conceição, do antigo Estado da Guanabara.

Pte. Pres. Costa

a participação do Exército



Características da Ponte Rio-Niterói

- Extensão sobre a água: 8 900 metros.
- Terra: 3.100 metros.
- Acessos: 1900 metros.
- Total: 13.900 metros.
- Largura: 26.400 metros divididos em duas pistas, com três faixas de tráfego de 3,5 metros cada.
- Altura: variável no trecho sobre a água entre 20 e 70 metros.
- Vãos: variam de 32 metros, nos acessos, a 80 metros, na transição para a estrutura metálica.
- Vãos principais: dois de 200 e um de 300 metros de viga reta.

Aparelhagem Utilizada – Precisão

Para garantir a precisão exigida na locação definitiva dos pilares sobre a plataforma de coroamento, que deveria estar dentro de uma figura geométrica com erro inferior a 25 mm e nivelamento de alta precisão executado, foram empregados os seguintes aparelhos:

- Teodolitos Wild T-3; que forneceram leituras diretas em décimos de segundo, com estima dos centésimos, utilizados nas locações definitivas de terra e mar para medição dos ângulos;

- Teodolitos Wild T-2; utilizados nas locações secundárias;

- Nível N-3; utilizado no nivelamento de alta precisão;

- Geodímetro M-6; aparelho eletrônico para medição de distâncias por meio de ondas luminosas, podendo utilizar um feixe luminoso de uma lâmpada de tungstênio ou de mercúrio - precisão 10 mm +;

- Geodímetro M-8; aparelho eletrônico para medição de distâncias por meio da emissão da luz de um “laser” de hélio, permitindo um alcance de 50 a 80 km, tanto à luz diurna como à noturna - precisão 5 mm + 1×10^{-6} .

Nivelamento Geométrico

A finalidade do nivelamento geométrico de primeira ordem foi fornecer altitudes de precisão homogêneas, na (antiga) Guanabara e em Niterói, que serviram de dados ao estudo e aos projetos da Ponte Rio-Niterói, como o conhecimento preciso do movimento das marés, em função do qual se situaram as alturas dos vãos da ponte.

O nivelamento teve início no marégrafo da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN) e foi executado no seguinte percurso: DHN – Ministério da Marinha – Casa do Marinheiro – Praça Mauá – Cais do Porto – Avenida Rio de Janeiro.

Para o transporte de altitude para a região de Niterói (RJ), a fim de possibilitar o apoio vertical ao levantamento fotogramétrico daquela área, foi realizada a travessia do nivelamento, no trecho Aeroporto Santos Dumont-Gragoatá, numa distância de 2.500 metros.

A técnica empregada utilizou, além do Nível N-3, painéis especiais de visada, Teodolito Wild T-2 e o Geodímetro M-6, sendo que referências de nível especiais foram construídas, para esse fim, em ambas as extremidades da travessia.



Marcação dos Pontos de Apoio e Execução de Voos Fotogramétricos

Constou de sinalizar no solo, com tinta adequada, mais de uma centena e meia de pontos escolhidos nas fotografias do voo fotogramétrico experimental, na escala de 1:3.000.

Após essa operação, foi executado o voo fotogramétrico definitivo, na escala de 1:5.000 e em cujas fotografias aparecem nitidamente 90% dos pontos sinalizados. A marcação definitiva dos pontos no solo consistiu na colocação de pinos de latão, de modo a torná-los inconfundíveis.

Os voos fotogramétricos foram executados pela Seção Aérea da DSG. Considerada a maior do mundo em função de suas características, a construção da Ponte Presidente Costa e Silva impunha a escolha de uma organização reconhecida pelo acervo de seus trabalhos, nos quais a precisão, a qualidade e a responsabilidade fossem uma constante.

Assim, a DSG foi selecionada pelo Ministério dos Transportes, por intermédio do DNER, para executar o levantamento da área e a locação de todos os seus pilares e acessos, assinalando, mais uma vez, a presença do Exército nas grandes obras que marcam o desenvolvimento do País. 



Presidente Médici inaugurando a Ponte Rio-Niterói.

RENDIÇÃO DA 148ª DIVISÃO DE INFANTARIA ALEMÃ À FEB



*Nesse oito de maio, ao comemorarmos os feitos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) nos campos da Itália, é uma satisfação lembrarmos da última missão em combate de nossos Pracinhas: a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã às tropas brasileiras. Segundo o General **Mark Clark** – Comandante do V Exército de Campanha – “Foi magnífico o final de uma atuação magnífica”.*

Coronel Rosty - Historiador Militar e Tenente Artêmio - Pesquisador Militar



INTRODUÇÃO

Em primeiro de setembro de 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha de **Hitler**, eclodiu a 2ª Guerra Mundial. Em seus aspectos destruidores, essa guerra estendeu-se em todas as direções, atingindo as nossas costas marítimas, quando submarinos alemães e italianos torpedearam nossos navios mercantes, levando para o fundo do oceano centenas de vidas inocentes.

O Brasil foi forçado, então, a entrar na guerra ao lado das Forças Aliadas, contra as potências do eixo (Alemanha, Itália e Japão), criando, em 1943, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), sob o comando do General **João Baptista Mascarenhas de Moraes**.

Superadas as dificuldades dos preparativos, a FEB navegou para o *front* italiano com 25.334 homens, distribuídos em cinco esca-

lões, desembarcando em Nápoles e iniciando a ação no dia 16 de setembro de 1944. Deu-se início uma longa jornada de derramamento de sangue, heroísmo e sacrifícios, quando os Pracinhas provaram sua coragem, iniciativa e capacidade combativa, igualando-se aos melhores soldados do mundo.

Os soldados brasileiros avançaram enfrentando, estoicamente, a neve, o gelo, a lama e o fogo certo do aguerrido soldado alemão. Assim, após dramáticos reveses, conquistaram *Massarosa, Camaione, Monte Prano, Barga e Monte Castello*. Seguiram-se *Castelnuovo di Vergato, Montese, Zocca, Colechio e Fornovo di Taro*. Nessa última região, a FEB cercou e aprisionou a 148ª Divisão de Infantaria Alemã, sob o comando do General **Otto Fretter Pico**. A paz foi assinada em 08 de maio de 1945 – o Dia da Vitória.

148ª Divisão de Infantaria do Exército Alemão, após a rendição ao Exército Brasileiro.



A RENDIÇÃO DA 148ª DI ALEMÃ

A rendição da 148ª DI Alemã teve início após a conquista de *Montese*. Os alemães ainda resistiram por cinco jornadas naquela localidade. As vitórias dos aliados sucederam-se nos combates de *Vergato*, *Tolé* e *Monte Adone*, as quais provocaram o completo desmantelamento de suas defesas na linha *Gengis-Kan*.

A ocupação de *Zocca* indicou uma nova etapa na Ofensiva da Primavera – o aproveitamento do êxito – que resultou na conquista do médio *Panaro* pela Divisão Brasileira. A fim de cortar a retirada do inimigo, o comandante da FEB criou o “Grupamento Coronel **Nelson de Mello**” e decidiu aproveitar grande parte das viaturas orgânicas da Artilharia Divisionária para o transporte da infantaria brasileira. A ocupação de *Vignola* marcou o início da ação.

Concretizada a perseguição ao inimigo, o comandante da 1ª Divisão de Infantaria de Exército (1ª DIE) recebeu mensagem do IV Corpo de Exército para agir com rapidez e impedir que forças inimigas escapassem para o Norte. Ao estabelecer contato com o inimigo, na região próxima à localidade de *Fornovo di Taro*, a FEB manteve encurraladas as forças do 3º Reich, que continuavam tentando romper as linhas de cerco com a intenção de uma retirada para o Oeste e, posteriormente, para o Norte, até chegar ao passo de *Brenner*, na fronteira italiana com a Áustria.

Nos arredores de *Fornovo di Taro*, na frente da 148ª DI alemã, estavam as tropas do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria (6º RI), enquanto o 11º RI se deparava com a retaguarda do contingente alemão. O comando da FEB ordenou o ataque, bombardeando o inimigo com a artilharia brasileira, enquanto os alemães revidavam com seus canhões.

Na tarde do dia 27 de abril, o comandante do 6º RI, Coronel **Nelson de Mello**, aceitou o oferecimento do padre de *Neviano di Rossi* – Dom **Alessandro Cavalli** – para ser o mediador entre os contendores, solicitando que as tropas alemãs se rendessem, a fim de evitar mais derramamento de sangue.

O vigário percorreu 6 km a pé por estradas e colinas, até chegar ao comando inimigo estacionado em *Respício*. Avisou sobre o cerco das forças brasileiras e usou de todos os argumentos possíveis e imagináveis para mostrar aos alemães que eles não tinham alternativa a não ser a rendição. Após muita insistência, e negando as informações solicitadas, o pároco convenceu o comando alemão a se render. A maioria dos oficiais alemães se mostrou inclinada à rendição, mas queriam garantias. Finalmente, um oficial alemão idoso disse ao pároco: “Pastor, faça o favor de dizer ao comandante brasileiro que escreva as condições da rendição e depois volte aqui, que nós esperamos pelo senhor.”

Depois de contatos com o General **Masca-renhas**, foi então enviado um *ultimatum* aos alemães. O conteúdo do documento, escrito em italiano pelo padre, era um apelo ao bom senso das tropas cercadas, já sem munição e sem meios de reação: “para poupar sacrifícios inúteis de vidas, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao comando das tropas regulares do Exército Brasileiro, que estão prontas para vos atacar. Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada. Quem vos intima é o comandante da vanguarda da Divisão brasileira que vos cerca. Aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente ultimatum.” **Nelson de Mello** – Coronel Comandante do 6º RI.

O vigário retornou com a seguinte resposta dos alemães: “Depois de receber instrução do comando superior, seguirá resposta”.

Assinado: Major **Kuhn**.

Tropas brasileiras da FEB em perseguição ao inimigo.



Não restava outra opção ao Coronel **Nelson de Mello** senão insistir que os alemães se rendessem, mantendo o cerco e o fogo cerrado de artilharia para barrar os contra-ataques inimigos. Na noite do dia 28 de abril, teve início o processo de rendição, quando o Major **Kuhn**, representando o General **Fretter Pico**, apresentou-se no Posto de Comando brasileiro, sediado em *Colechio*, acompanhado de um sargento intérprete e de um tenente das milícias da S.S. portando uma bandeira branca.

Interpelado pelo Major **Carlos Gross**, Comandante do 1º Batalhão do 6º RI, sobre o que levou o seu comandante a tomar a decisão de rendição, respondeu o Major **Kuhn**: “Meu comandante disse que a guerra está perdida, que temos muitos feridos sem atendimento, que estamos gastando os últimos cartuchos para sustentar o fogo nesse momento e não temos comida. Queremos aproveitar a oportunidade de nos render aos brasileiros, porque sabemos que seremos bem tratados”.

Os entendimentos foram realizados no PC do 6º RI e se processaram sob a sinfonia descompassada do troar dos obuses brasileiros.

Logo após, o Coronel **Nelson de Mello** deixou o PC e se deslocou para o Quartel General (QG) da Divisão, a fim de comunicar a decisão do comandante da 148ª DI alemã, sendo autorizado pelo General **Mascarenhas de Moraes** a receber a rendição incondicional.

TRATATIVAS DA RENDIÇÃO

Os entendimentos duraram da meia noite até às 5:30h do dia 29 de abril. Ficou estabelecido que a artilharia brasileira cessaria fogo. As unidades alemãs se apresentariam às 13:00h, entregando, inicialmente, seus feridos, única exigência dos alemães, que foi aceita pelo comando da FEB, por questões humanitárias.

O General **Mascarenhas de Moraes** enviou para *Colechio* os seus Chefe de Estado-Maior e da 3ª Seção – Coronel **Lima Brayner** e o Tenente-Coronel **Castelo Branco**, a fim de relacionarem o material capturado (Relatório da Rendição).

No horário marcado, apontou na estrada, ao sul de Ponte *Scodogna*, a primeira coluna de 13 ambulâncias inimigas repletas de feridos, que foram tratados e evacuados para Modena. Os demais combatentes se apresentariam aos postos de coleta de prisioneiros, sendo, mais tarde, conduzidos aos campos de concentração organizados em Ponte Scodogna e Felegara.

Cerca de 20 mil homens, a maioria da 148ª DI, além de integrantes da 90ª Divisão *Panzer Granadier* e de italianos da Divisão *Bersaglieri* (*San Marco* e *Monte Rosa*), foram encaminhados para grandes áreas descampadas da região de Ponte *Scodogna*.

Os soldados alemães, em grandes filas, depuseram as armas, observados pelos pracinhas brasileiros. Posteriormente, foram



Armamento apreendido pelas tropas brasileiras após a rendição alemã.



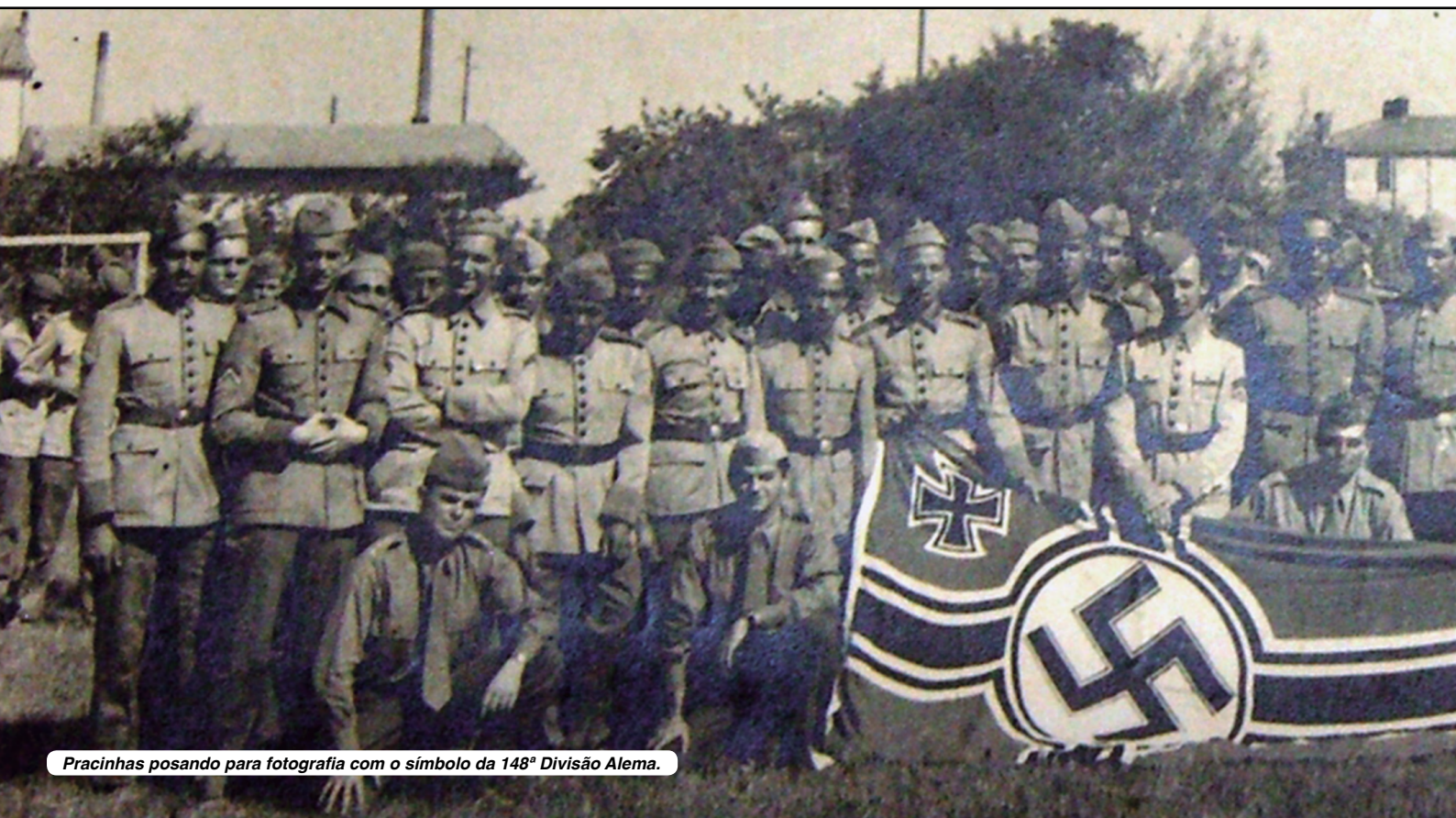
Soldados alemães sendo inspecionados por ocasião da rendição.

removidos para os campos de prisioneiros de guerra em Modena e em Florença, mantidos pelo Exército Norte-Americano. Enormes pilhas de armamentos e munição se formaram. Mais de dois mil e quinhentos veículos de todos os tipos e cerca de quatro mil cavalos foram entregues durante a rendição.

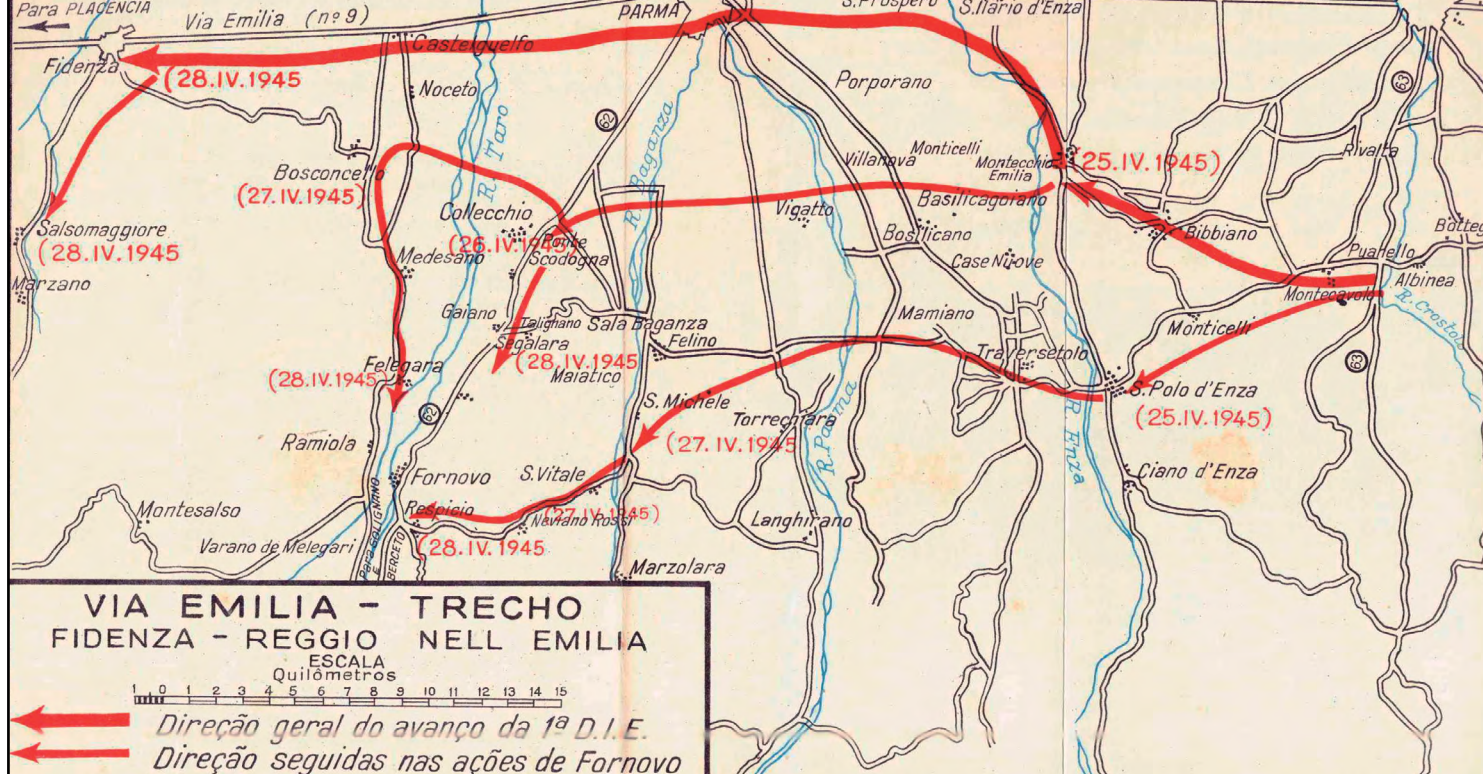
Os comandantes das Divisões que se renderam ficaram por último, com a finalidade de manter a decisão de que todos se entregassem, pois havia dissidentes que não concordavam com a capitulação. No final da tarde de 29 de abril, após supervisionar

todos os procedimentos e dando por encerrada a rendição das tropas alemãs e italianas, o primeiro comandante a se entregar foi o General **Mário Carloni**, com seus 18 oficiais do Estado-Maior. O General **Zenóbio da Costa** o conduziu até o QG do V Exército de Campanha, em Florença.

Finalmente, às 18 horas do dia 30, foi a vez da rendição do comandante da divisão alemã com os 31 oficiais de seu estado-maior. O General **Otto Fretter Pico** foi entregue ao General **Falconiére da Cunha** para ser conduzido até a



Pracinhas posando para fotografia com o símbolo da 148ª Divisão Alema.



presença do General **Mascarenhas de Moraes** e, posteriormente, seguir para Florença.

O inacreditável aconteceu! Uma divisão inteira dos mais destemidos e experientes combatentes germânicos, que lutaram no *Afrika Korps* e na frente russa, rendeu-se aos Pracinhas da FEB. A mesma tropa que combatemos no vale do rio *Serchio*, no batismo de fogo e no revés de *Sommocolônia*, agora se rendia incondicionalmente a nós, no vale do rio Pó. O Alto-Comando aliado ficou surpreso, um feito inédito e glorioso executado pela FEB. A

148ª Divisão de Infantaria foi a única unidade alemã que se rendeu integralmente antes do armistício de dois de maio, no teatro de operações italiano.

Na Itália, deixamos 451 mortos (oito da FAB), dos quais 13 eram oficiais. Fizemos 20.573 prisioneiros, sendo dois oficiais-generais, 892 oficiais e 19.679 praças.

CONCLUSÃO

O General **Mark Clark**, Comandante do V Exército de Campanha, a respeito da manobra de nossa Divisão Expedicionária, no vale do rio Pó, disse: “foi magnífico o final de uma atuação magnífica”. Os pracinhas da FEB foram protagonistas de muitos feitos heroicos nos Teatros de Operação da Itália, garantindo, dessa forma, nossa liberdade e democracia ao custo do sangue de nossos militares.

De regresso à Pátria, o soldado brasileiro, mais uma vez, trouxe a certeza de que soube representar sua geração. Naquela grave contingência histórica com que se defrontou o Brasil, igualou-se àqueles que, nos Montes Guararapes ou nas vizinhanças das fronteiras do Sul e do Oeste, testemunharam a firmeza de nossas convicções e o valor do nosso homem.

O prestígio e a consideração internacionais não são uma dádiva, mas uma conquista que impera até os dias de hoje. Oferecemos ao povo italiano e ao mundo mais do que uma contribuição: uma certeza de nossa cooperação nos momentos mais difíceis. Será sempre motivo de justo orgulho para o EB e, ao mesmo tempo, um poderoso estímulo e uma perene fonte de confiança nas possibilidades de nossos homens e mulheres fardados.

E foi assim que “a cobra fumou”, há mais de 70 anos, na Itália! 



O ADJUNTO DE COMANDO NO EXÉRCITO BRASILEIRO



“O Adjunto de Comando é o produto objetivo das novas práticas de transformação da Força. Considerado um indutor de tal transformação, ele será um dos marcos de inovação dentro da política de pessoal do Exército Brasileiro”.

General de Exército **Eduardo Dias da Costa Villas Bôas** – Comandante do Exército

HISTÓRICO

Atualmente, o Exército Brasileiro (EB) desdobra-se no processo de transformação para configurar uma nova Força Terrestre que assegure à Instituição a capacidade de atender aos desafios exigidos por um Brasil protagonista no cenário internacional. Para atingir os objetivos propostos, além do emprego de produtos de defesa tecnologicamente avançados, a Força precisará contar com profissionais capacitados e motivados.

Nesse contexto, repousa a relevância do Adjunto de Comando, por ser um dos promotores do comprometimento, da coesão e da liderança. Suas áreas de atuação podem parecer abrangentes, mas estão todas direcionadas a um objetivo comum: o compromisso com o Exército e com seus integrantes.

Desde a formação, o sargento, nas funções de comandante das pequenas frações, de adjunto de pelotão e de sargenteante de subunidade, executa as missões com entusiasmo, profissionalismo e disciplina. Além disso, assessora o comando enquadrante nos assuntos relacionados à sua fração, sejam de ordem profissional ou pessoal, baseados no convívio diário e aproximado com os subordinados, constituindo-se em valiosa ferramenta para a tomada de decisão dos comandantes.

No Exército, o sargento desempenha papéis de relevância, nos quais demonstra sua capacidade profissional, bem como o comprometimento com a Força. Pode-se citar a atuação dos coordenadores no Curso de Aperfeiçoamento da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas. Nessa atribuição, os coordenadores inspiram os sargentos-alunos pelo exemplo e pela





experiência em todas as atividades. A mudança de atitude dos militares que vivenciam esse modelo gera resultados positivos na carreira do Sargento.

Cumprindo diretriz do Comandante do Exército referente ao Processo de Transformação da Força, foi criado, no ano de 2015, em caráter experimental, o cargo de Adjunto de Comando. Esse foi mais um passo em direção à valorização do graduado, aproveitando sua experiência e capacidade. O projeto inicial envolveu cinco Brigadas, alguns estabelecimentos de ensino e o Comando do Exército. Passados dois anos da criação e da consolidação do cargo, cerca de 260 organizações militares (OM) já foram contempladas, com resultados positivos.

VISÃO DOS MILITARES

Em 2016, foi realizada pesquisa pelo Estado-Maior do Exército, junto aos Comandantes das OM pioneiras, com o objetivo de avaliar diversos aspectos relacionados ao novo cargo. De acordo com o levantamento, a avaliação geral do desempenho do Adjunto de Comando foi positiva, tanto em atividades operacionais, quanto em administrativas. Com percentuais de aceitação acima de 90%, destacaram-se o bom relacionamento com os oficiais, a liderança junto às praças e a contribuição para o aumento do desempenho e do espírito de corpo na organização.

O então Comandante do Batalhão da Guarda Presidencial, em sua apresentação no Estágio Preparatório de Comandantes de Organizações Militares/2016, listou exemplos de boas práticas e de lições aprendidas sobre o cargo. Entre as atividades, ressaltou a importância da participação do Adjunto de Comando como assessor em reuniões com os comandantes de subunidades e o estado-maior, nos assuntos relacionados às praças, na atuação do desenvolvimento da liderança militar e na condução de projetos e de iniciativas em grupo, visando ao aprimoramento técnico-profissional.

NÍVEIS DE ATUAÇÃO

A essência da atuação do Adjunto de Comando no exercício de suas atribuições é a tropa, razão principal da Instituição. É para ela que existe toda uma estrutura que proporcione condições ideais de preparo e de emprego. Assim, de acordo com a organização existente, há a necessidade do cargo nos órgãos pertencentes à Alta Administração do Exército, devido à relevância, à importância e à abrangência das decisões. A presença e o assessoramento do Adjunto de Comando nesse nível, considerando a experiência e o conhecimento, são importantes para a tomada de decisão nos assuntos relacionados às praças.

Em 25 de abril de 2017, em texto publicado no Blog do Exército (EBlog), o Comandante Logístico assevera que: *“a presença do Adjunto de Comando nos mais diversos escalões da Força tem sido uma referência muito positiva, permitindo a contribuição com o ponto de vista dos graduados, baseado nas experiências vivenciadas e funções desempenhadas desde o início de sua carreira, seja nas frações elementares das Armas, Quadros e Serviços, seja nas tarefas administrativas necessárias ao funcionamento das Unidades”*.

OUTROS ASPECTOS DO CARGO

Apesar de recente, o cargo demonstra ótimos resultados em todas as áreas. O Adjunto de Comando atua para reforçar a intenção do Comandante no âmbito das praças e aumentar o comprometimento delas com a Instituição, por meio da coesão e da motivação, pautando as ações pelas normas e regulamentos e, principalmente, observando os preceitos da hierarquia e disciplina, pilares fundamentais do Exército Brasileiro.

Devido às diferenças culturais e de doutrina, o cargo de Adjunto de Comando no Brasil não pode ser comparado ao de alguns exércitos de nações amigas. A única similaridade é o aproveitamento da experiência e da capacidade dos subtenentes e sargentos em prol da obtenção de maior operacionalidade.

O necessário tempo de maturação, aliado ao profissionalismo e à dedicação do sargento brasileiro, fará com que o modelo se consolide ainda mais, sendo relevante ferramenta de apoio na tomada de decisão, seja na área operativa, seja na estratégica, promovendo a motivação e a coesão necessárias em seus integrantes, para que o Exército possa cumprir as missões constitucionais com excelência ainda maior. 

Personagem da Nossa História:

Anita Garibaldi



Anita Garibaldi foi uma notável brasileira que participou ativamente de episódios políticos e militares, não só da história do Brasil, mas também da história da Itália. Por isso, é conhecida como a “heroína de dois mundos”.

Nasceu em 30 de agosto de 1821, na cidade catarinense de Laguna, recebendo o nome de **Ana Maria de Jesus Ribeiro**. De origem humilde e descendente de açorianos, já pulsava em seu coração o mesmo ideal republicano do Marechal **Deodoro**, que viria a proclamar a República 50 anos mais tarde.

Em 1839, já fazia parte do movimento republicano da Revolução Farroupilha – que assim como a Inconfidência Mineira, lutava contra os descalabros da Coroa – quando conheceu o lendário Capitão da Marinha Mercante Italiana, **Giuseppe Garibaldi**, simpatizante do movimento republicano, do qual tomou parte. Na revolução, **Anita** desempenhava o papel de intendente, onde provia o abastecimento de munição aos soldados.

Após ter sido presa na Batalha de Curitibanos, fugiu a cavalo a procura do marido, em um instante de distração dos guardas do Exército Imperial. Cavalgou por mais de 200 km e atravessou a nado o rio Canoas, chegando ao Rio Grande do Sul, onde, oito dias depois, encontrou-se com **Garibaldi**, em Vacaria. Mais tarde, o casal seguiu para morar em Mostardas (RS), onde, em 16 de setembro de 1840, nasceu o primeiro filho, de nome Menotti.

Anita afastou-se do Movimento Farroupilha em 1841, quando, juntamente com **Giuseppe**, partiu para Montevidéu, no Uruguai, para aliar-se aos uruguaios na Campanha de **Oribe**, contra o

argentino **Rosas**. Em 1842, **Anita** casou-se com **Garibaldi**, na Igreja de São Francisco, e tiveram mais três filhos. Defenderam a causa uruguaia até 1848, quando partiram para a Itália, para lutar pela independência italiana.

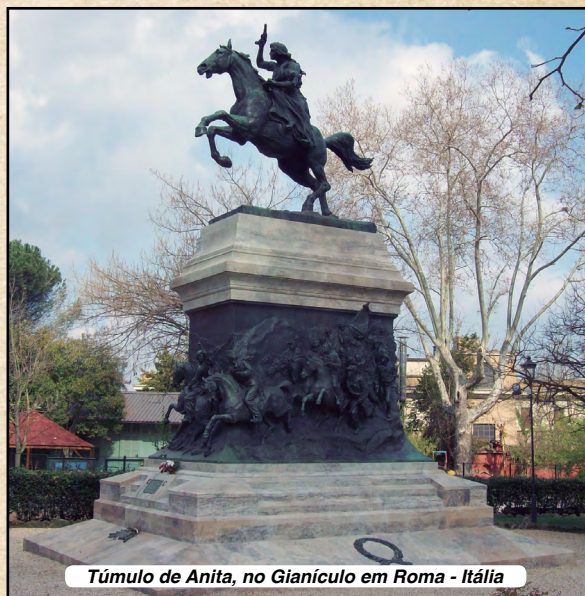
Na Itália, foram recebidos como heróis e engajaram-se na luta pela independência italiana. Em 9 de fevereiro de 1849, presenciou com o marido a proclamação da República Romana, mas a invasão franco-austriaca de Roma obrigou-os a abandonar a cidade. Com três exércitos em seu encalço (francês, espanhol e napolitano), **Anita**, mesmo grávida do 5º filho, pelejou até adoecer. Exausta e debilitada, não resistiu e veio a falecer de malária – segundo alguns historiadores – em 4 de agosto de 1849, aos vinte e nove anos de idade.

Garibaldi, caçado pelos austríacos, nem sequer pôde acompanhar o sepultamento da esposa, sendo obrigado a ir para o exílio em Nice, no Sul da França. Por vontade do marido, o corpo de **Anita**, após exumado, foi transferido para aquela cidade. Em 1932, seu corpo foi exumado mais uma vez, para finalmente jazer no monumento construído em sua homenagem, no Gianículo, em Roma.

Entretanto, os maiores atos de bravura de **Anita** não foram em combate, mas em ser exemplar mãe e esposa, sempre acompanhando seu marido onde quer que fosse. Uma catarinense humilde, um bravo soldado, uma mãe amorosa e uma esposa fiel e dedicada, conforme citações do próprio **Garibaldi**, em suas memórias, escrita por **Alexandre Dumas**.

Se tivéssemos que descrever Anita em uma só palavra, poderíamos tão somente dizer:

EXTRAORDINÁRIA!



Túmulo de Anita, no Gianículo em Roma - Itália



RO,

ANA DEATRIZ CARLA DIANA EDNA FATIMA GIOVANA
IARA JULIANE KELLY LARISSA MAIRA NAIR PAULA
RENATA SANDRA TATIANA VANESSA E OUTRAS TANTAS





**25 DE AGOSTO:
DIA DO SOLDADO**